

EDEMIR GRAÇA NETO
MAURO GOMES DA COSTA
ORGANIZADORES

ANAIS DA XV SEMANA DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO AMAZONAS

Educação em Direitos Humanos e Cidadania/Florestania

CONSTRUINDO PEDAGOGIAS
INCLUSIVAS E DIVERSAS

03 A 05/12/2024

**Anais da XV Semana de Pedagogia da
Universidade do Estado do Amazonas**

**Educação em Direitos Humanos e Cidadania/Florestania:
Construindo Pedagogias Inclusivas e Diversas
03 a 05/12/2024**



**Edemir Graça Neto
Mauro Gomes da Costa
(Orgs.)**

**Anais da XV Semana de Pedagogia da
Universidade do Estado do Amazonas**

**Educação em Direitos Humanos e Cidadania/Florestania:
Construindo Pedagogias Inclusivas e Diversas
03 a 05/12/2024**



PROGRAD
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO



PROPESP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
E PÓS-GRADUAÇÃO




Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Edemir Graça Neto; Mauro Gomes da Costa [Orgs.]

Anais da XV Semana de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. Educação em Direitos Humanos e Cidadania/Florestania: Construindo Pedagogias Inclusivas e Diversas 03 a 05/12/2024. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 173p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2384-1 [Digital]

1. Anais. 2. Pedagogia. 3. Direitos Humanos. 4. Educação inclusiva. 5. Universidade do Estado do Amazonas. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Wilson Miranda Lima
Governador do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib
Reitor da Universidade do Estado do Amazonas

Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-Reitora

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PROPESP

Fábio Carmo Plácido Santos
Pró-Reitoria de Ensino e Graduação/PROGRAD

Darlisom Sousa Ferreira
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários/PROEX

Isaque dos Santos Sousa
Pró-Reitoria de Planejamento/PROPLAN

Nilson José de Oliveira Junior
Pró-Reitoria de Administração/PROADM

Valber Barbosa Martins
Pró-Reitoria de Interiorização/PROINT

Márcio Gonçalves dos Santos
Diretor da Escola Normal Superior

Danielle Mariam Araújo dos Santos
Coordenadora de Qualidade da Escola Normal Superior

Vanderlete Pereira da Silva
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Osmarina Guimarães de Lima
Vice- Coordenadora do Curso de Pedagogia

Caroline Barroncas de Oliveira
Márcio Gonçalves dos Santos
Maria Terezinha Botelho de Oliveira
Mauro Gomes da Costa
Comissão Científica

Centro Acadêmico de Pedagogia no ano de 2024

Roma Paloma Vieira
Presidente

Aline Gama Andrade
Co-presidente

Ana Flávia Oliveira de Lima
Diretora Financeira

Vitoria Mary Guilherme do Nascimento
Diretora de Ensino

Edemir Graça Neto
Diretor de Pesquisa e Extensão

Vera Lucia Rodrigues Soares
Diretora de Eventos e Cultura

Suely Ferreira Zuza
Diretora de Política Estudantil

Sara Freire Ramos
1º Diretora de Esportes e Lazer

Renan Souza Martins
2º Diretor de Esportes e Lazer

Edvane Carneiro Pinheiro
1º Diretora de Comunicação

Raissa Lima Correa
2º Diretor de Comunicação

Brunna Oliveira do Nascimento
1º Diretora Administrativa

Thais Sterfany Gondim da Rocha
2º Diretora Administrativa

Sumário

Apresentação	17
Diversidade sexual e educação do/no campo: experiências pedagógicas em uma Escola Ribeirinha no Município de Carauari/AM	21
Rodrigo de Souza Carmino Márcio Gonçalves dos Santos	
O ensino religioso nas escolas públicas na perspectiva de Luiz Antônio Cunha	25
Alexa Hyaline Maricaua Pereira Ana Flávia Oliveira de Lima Rosiane Torres de Carvalho Carneiro	
Pedagogia cirandeira: a ciranda de Manacapuru/AM e a educação das festas	29
Joycilane Souza de Oliveira Adan Renê Pereira da Silva	
(Des)bordando uma docência amazônida: linhas de uma formação inicial	33
Maria Eduarda Glória Neves Monica Aikawa Mônica de Oliveira Costa	
Anísio Teixeira: a influência do pragmatismo na educação básica na visão docente	37
Angela Lorrannah Caetano Ribeiro Brenda Macena Amaral Catarina Vieira da Silva	

Arte, corpo e criança de Educação Infantil: mobilizações de um professorar atelierista	41
Judi Carla Melo Cauper Vitória Oliveira Miranda Mônica Aikawa	
As pesquisas sobre racismo nos TCCs do Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior/ENS nos anos de 2012 a 2022	45
Gabriel Wadick dos Santos Leite Vanderlete Pereira da Silva	
Corpos da diferença e a pedagogia da escuta: análise do projeto pedagógico do curso de Pedagogia	51
Keitiane Pinho Burlamaqui	
Formação docente para a diversidade sexual e de gênero: uma revisão narrativa de literatura	55
Carlos Eduardo da Cunha Pereira Adan Renê Pereira da Silva	
Recursos didáticos e metodologias ativas na formação de educadores em Geografia	59
Julia de Castro Bezerra Davi Salomão Costa de Souza Danielle Mariam Araujo dos Santos	
Sabores e pertencimento: uma imersão amazônica - Experiências no Estágio Supervisionado II no 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Manaus.	63
Kettlen Jennifer Carneiro Ygo de Jesus Lima	

Sustentar múltiplos fios: memória, história e ações políticas de ativistas lésbicas em Manaus (2005-2022) 67
Larissa da Silva e Silva
Júlio Cláudio da Silva
Michele Pires Lima

Diversidade e diferença: voltando o olhar para a comunicação intercultural entre crianças da educação infantil 71
Alini Ramos da Silva

EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

Educação e reprodução social: uma análise lukacsiana 79
Edemir Graça Neto
Mauro Gomes da Costa

A pesquisa e a extensão com pessoas em situação de vulnerabilidade social: um viés pedagógico necessário à formação docente 83
Diely de Queiroz Rocha
Osmarina Guimarães de Lima

Ensino de Matemática e deficiência intelectual: Práticas Inclusivas e Tecnologias Assistivas em uma Escola Pública 87
Carlos Henrique da Silva Ramalho
Márcio Gonçalves dos Santos

Gênero e sexualidade na Educação Infantil e Anos Iniciais: experiências e práticas pedagógicas inclusivas nos estágios supervisionados 91
Paulo Roberto Olímpio da Silva
Márcio Gonçalves dos Santos

Pacto nacional na EJA: Uma análise da nova política pública do Ministério da Educação Bruna Gabriela da Silva Holanda Mateus	95
As relações entre educação inclusiva e Direitos Humanos Andrews Matheus Fernandes Braga Mateus de Lima Prata Zila Reis de Oliveira	99
Intervenção pedagógica em contexto de vulnerabilidade social e formação docente com base na educação inclusiva e nos Direitos Humanos Rodrigo Alves Cavalcante Osmarina Guimarães de Lima	103
O método positivista e a didática militar Vitória Mary Guilherme do Nascimento Yezza Camilly Belém Ribeiro Ana Clara Mendes da Costa Débora Zózimo de Mendonça Esther Jasmim Alves Canto	107
Aprendendo com uma filha de santo: pedagogias e saberes da experiência no terreiro Antônio Lago da Silva Júnior Adan Renê Pereira da Silva	111
Um olhar sobre a abordagem educacional de R. Emília na Educação Infantil Vitória Oliveira Miranda Kelly Christiane Silva de Souza	115

INCLUSÃO SOCIAL

- A Matemática em perspectiva nos espaços não formais: relato de um projeto de extensão** 121
Gabriela Souza Pereira
Osmarina Guimarães de Lima
- A Matemática inclusiva: ensino mais contextualizado e menos disciplinar** 125
Beatriz de Cássia Crispim Veras
Osmarina Guimarães de Lima
- Metodologias ativas como estratégia para o ensino da Cartografia escolar em escolas do campo** 129
Andrea Barros de Oliveira
Amanda Alves Azevedo
Danielle Mariam Araújo dos Santos
- A inclusão de pessoas 50+ a partir de um laboratório de letramento digital** 133
Jamily Eyd Almeida Nunes
Sílvia Luíza Jacintho Esteves
- As metodologias ativas no ensino da Geografia: os recursos didáticos como auxílio no ensino da cartografia frente aos contextos das escolas rurais do município de Iranduba-Am** 137
Amanda Alves Azevedo
Andrea Barros de Oliveira
Danielle Mariam Araújo dos Santos
Flávio Wachholz

Contribuições de Luquet para a compreensão da linguagem infantil através do desenho	141
Kelly Christiane Silva de Souza Mathias Bernard Lira de Almeida	
Entre memórias e desafios: narrativas da construção do ser pedagogo em um espaço de educação não-formal	145
Ygo de Jesus Lima	
Estágio na educação infantil intercultural: relato de experiência na perspectiva do olhar pesquisador	149
Ana Beatriz Goes do Nascimento Osmarina Guimarães de Lima	
Formação inicial e continuada: experiências e expectativas de uma pedagoga em espaços educativos não formais	153
Jeane Braga Soares Osmarina Guimarães de Lima	
Inclusão socioeducacional: vivências transformadas na/da formação docente em espaços não formais	157
Marcos de Oliveira Fidelis Osmarina Guimarães de Lima	
Pluralidade e empatia: caminhos da formação docente na Escola de Egressos	161
Beatriz de Lima Souza Osmarina Guimarães de Lima	
Recursos didáticos e suas possibilidades para a educação cartográfica	165
Davi Salomão Costa de Souza Julia de Castro Bezerra Danielle Mariam Araujo dos Santos	

Relato de experiência no Programa de Extensão Escola de Egressos	169
Gelena Ramos de Almeida	
Osmarina Guimarães de Lima	
Sobre os organizadores	173

Apresentação

É com alegria que apresento os Anais da XV Semana de Pedagogia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas, realizada entre os dias 03 e 05 de dezembro de 2024, com o tema “Educação em Direitos Humanos e Cidadania/ Florestania: Construindo Pedagogias Inclusivas e Diversas”.

Este evento, que ocupa um lugar de relevância para o curso de Pedagogia, é uma realização do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED) em parceria com a coordenação e colegiado de professores/as do curso. O evento consolidou-se como um espaço de formação, diálogo e disseminação de conhecimentos, reunindo estudantes, docentes, pesquisadores/as e profissionais da educação de diferentes instituições e cursos de licenciaturas, preocupados/as com a construção de saberes transformadores, sensíveis à diversidade e à realidade amazônica.

A proposta temática desta edição articulou os princípios dos Direitos Humanos com a noção de Florestania – conceito que evoca o pertencimento, o cuidado com a floresta e seus povos, e o reconhecimento de modos de vida diversos que compõem o tecido sociocultural da Amazônia. Em sintonia com essas diretrizes, os debates e produções apresentados nesta Semana Acadêmica colocaram em evidência o papel da educação na promoção da justiça social, da equidade e da valorização das múltiplas identidades e vozes que compõem nossas comunidades.

Os textos aqui reunidos, organizados em três importantes áreas: Diversidade e diferença, Educação e direitos humanos e Inclusão social – frutos de apresentações orais, relatos de experiências, estudos teóricos e pesquisas em andamento – expressam a riqueza de reflexões e práticas pedagógicas voltadas à

educação inclusiva, intercultural, decolonial e participativa. Este material pretende contribuir para a circulação do conhecimento produzido no âmbito da formação inicial e continuada de professores/as, fortalecendo a dimensão pública, crítica e emancipatória da Universidade.

Agradecemos a todos e todas que participaram da XV Semana de Pedagogia de 2024: estudantes, professores/as, palestrantes, autores/as, avaliadores/as, organizadores/as e demais colaboradores que tornaram este evento possível e significativo. Que a leitura destes Anais inspire novas práticas, pesquisas e engajamentos na luta por uma educação amazônica, inclusiva e comprometida com a dignidade humana.

Profa. Dra. Vanderlete Pereira da Silva,
Coordenadora do Curso de Pedagogia.

DIVERSIDADE E DIFERENÇA

**Diversidade sexual e educação do/no campo:
experiências pedagógicas em uma Escola Ribeirinha no
Município de Carauari/AM**

Rodrigo de Souza Carmino¹
Márcio Gonçalves dos Santos²

Resumo: Na contemporaneidade, os debates voltados para a temática da diversidade sexual e de identidade de gênero têm sido pauta de discussão em alguns espaços, ganhando ainda mais visibilidade e transcendendo a percepção meramente biológica do ser humano. A perspectiva de uma (re)educação que possibilite, de fato, uma inclusão integral é fundamental. No entanto, nos espaços educacionais, compreende-se que ainda existem grandes tabus e falta de conhecimento dessa temática. Questões estas totalmente ligadas a uma concepção heteronormativa, conforme Louro (2004). A pesquisa teve como objetivo identificar se há abordagem sobre a diversidade sexual na Escola Ribeirinha Sebastião Salvino Carneiro. Considerando que, na escola ribeirinha, está intrínseca a cultura heteronormativa e patriarcal, este trabalho justificou-se pela busca da promoção de uma Educação Inclusiva no combate ao preconceito no ambiente escolar. Este estudo consistiu em uma pesquisa descritiva, atrelada a uma pesquisa de campo, com um método predominantemente qualitativo, no qual os dados foram obtidos a partir de uma observação participativa. A pesquisa, a partir do campo de Estágio, ocorreu na escola da comunidade do

¹Aluno do Curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Email: rdsc.pcp19@uea.edu.br.

² Doutor em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Docente do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Email: mgsantos@uea.edu.br.

Roque, localizada à margem esquerda do rio Juruá, aproximadamente 68 km do município de Carauari-AM. A população local divide-se em diferentes faixas etárias, com uma estimativa de 624 indivíduos distribuídos em 146 famílias, e conta com apenas uma instituição escolar. Os sujeitos da pesquisa foram 16 educandos do 4º ano do ensino fundamental I, com idades entre 10 e 11 anos, sendo 5 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, além da professora da turma. Os procedimentos adotados incluíram o desenvolvimento de três atividades pedagógicas: "bingo das palavras", "leitura estourada" e "quadro do respeito", tendo como eixos temáticos a diversidade, o respeito e a inclusão. O objetivo dessas atividades foi buscar uma metodologia que conectasse os eixos temáticos às práticas escolares. Por meio da observação participativa, foi possível elaborar um relatório analítico das atividades, que gerou subsídios para a interpretação dos dados coletados. A análise foi feita por triangulação, possibilitando um comparativo com dados encontrados por outros autores. Perguntas simples como "O que é respeito para você?" estimularam respostas automáticas, como obedecer aos pais, professores e respeitar os mais velhos da comunidade. Observa-se que a compreensão de respeito está associada a figuras de autoridade, e não a aceitar a diversidade de sujeitos e suas características particulares, o que pode ser um indicador da Educação no contexto do campo. No decorrer da investigação, foram identificadas algumas expressões utilizadas pelos educandos, como "gigante, burro, anão, tu é gay". Louro (2000, p. 19) aponta que "meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem". Tais atitudes reforçam estereótipos e contribuem para a exclusão e o preconceito. O uso de metodologias lúdicas, como o "bingo das palavras", "leitura estourada" e "quadro do respeito", demonstrou

ser uma abordagem eficaz, que considera o envolvimento ativo dos educandos como essencial para o aprendizado. Essas práticas promovem um ambiente dinâmico, onde o aprendizado é participativo e inclusivo. A partir dessas atividades, os educandos puderam expressar suas perspectivas, compartilhar experiências e desenvolver habilidades sociais e cognitivas de maneira integrada e significativa. Leal, Zoccal e Barros (2017) destacam a importância de metodologias lúdicas e participativas como ferramentas para a inclusão, argumentando que o estímulo a brincadeiras com diferentes tipos de brinquedos permite às crianças explorarem uma variedade de atividades, estimulando criatividade, imaginação e habilidades cognitivas. Conclui-se que inexistem discussões sobre diversidade sexual e identidade de gênero na Escola Sebastião Salvino Carneiro. Como proposta de inclusão, metodologias lúdicas como o "bingo das palavras", "leitura estourada" e "quadro do respeito" se mostraram alternativas eficazes para abordar temas como diversidade sexual e identidade de forma inclusiva e lúdica, mesmo que tais temáticas se mostrem ocultas ou invisibilizadas por conta de aspectos culturais específicos da localidade. Essas práticas podem fornecer subsídios para a práxis do professor na promoção de uma educação mais inclusiva.

Palavras-chave: Diversidade sexual, Educação do Campo, Práticas Pedagógicas, Inclusão.

O ensino religioso nas escolas públicas na perspectiva de Luiz Antônio Cunha

Alexa Hyaline Maricaua Pereira¹

Ana Flávia Oliveira de Lima²

Rosiane Torres de Carvalho Carneiro³

Resumo: Este trabalho aborda a questão do ensino religioso nas escolas públicas na perspectiva de Luiz Antônio Cunha. O objetivo é compreender o impacto da presença religiosa no contexto educacional. A metodologia baseia-se no estudo bibliográfico das obras de Luiz Antônio Cunha sobre a mesma temática. Os resultados da pesquisa demonstram uma contínua disputa pelo espaço educacional, revelando avanços e recuos na construção de um modelo laico. Conclui-se que a consolidação do ensino público laico, conforme defende o autor, requer diversos esforços para superar os embates políticos e ideológicos, a fim de assegurar o respeito à diversidade de crença e da não crença no âmbito educacional.

1. Introdução. O ensino religioso nas escolas públicas reflete a tensão histórica e ideológica, envolvendo laicidade, confessionalismo e diversidade religiosa no Brasil. Luiz Antônio Cunha, sociólogo e pesquisador na área educacional, analisa os desdobramentos dessa questão, ressaltando os desafios para construir um sistema educacional público que respeite a diversidade e a liberdade de crença e de não crença. Contudo, para

¹ Graduanda do 2º período do Curso regular de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: ahmpe.ped24@uea.edu.br.

² Graduanda do 2º período do Curso regular de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: afodli.ped24@uea.edu.br.

³ Graduanda do 2º período do Curso regular de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: rtdcc.ped24@uea.edu.br.

o autor, para que isso ocorra, “[...] a liberdade religiosa tem como requisito indispensável a laicidade do Estado [...]” (Cunha, 2013, p. 8). No contexto educacional, isso significa que as escolas públicas não devem privilegiar determinada religião, mas que sirva como espaço de pluralidade e de diversidade, em que todas as crenças – ou a ausência delas – sejam respeitadas, sem qualquer tipo de imposição ou discriminação. Dessa forma, este trabalho propõe-se a compreender o impacto da presença religiosa no contexto educacional e suas implicações para a construção de um modelo educativo laico na proposta do autor.

2. Metodologia. A pesquisa fundamenta-se em estudo bibliográfico das principais obras de Luiz Antônio Cunha, referente à educação e à religião. A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de materiais já publicados, sejam físicos ou digitais, com o objetivo de, conforme explica Gil (2017, p. 28), “[...] fornecer fundamentação teórica ao trabalho [...]”, bem como de “[...] apresentar o pensamento de determinado autor [...]”. Portanto, através dessa pesquisa foram analisadas as reflexões do autor sobre laicidade, confessionalismo e diversidade religiosa no campo educacional.

3. Resultados e discussões. Desde a Primeira República, com a separação entre Igreja e Estado, a educação brasileira enfrenta avanços e recuos na busca por uma laicidade efetiva. Segundo Cunha (2013, p. 9), a laicidade representa a imparcialidade do Estado “[...] diante das disputas do campo religioso, que se priva de interferir nele, seja pelo apoio, seja pelo bloqueio a alguma confissão religiosa [...]”. No entanto, sua consolidação no Brasil é um processo histórico repleto de contradições. A inclusão do ensino religioso nas escolas públicas, prevista desde a Constituição de 1934, reflete um modelo educacional que, mesmo declaradamente facultativo, favorecia a confessionalidade católica, conforme destaca Cunha (2013, p. 51), “[...] na prática, apenas o catolicismo era ministrado nas escolas públicas.” O

confessionalismo, entendido como a institucionalização dos princípios e doutrinas de um determinado grupo religioso ou uma confissão religiosa no âmbito estatal, é apontado por Cunha (2024, p. 81) como um dos principais obstáculos à laicidade, pois não só reforça desigualdades históricas, mas também gera exclusão e discriminação contra minorias religiosas e não religiosos. Para avançar na consolidação de uma educação pública laica, ele argumenta que “Deverá ser expurgado da Constituição brasileira o dispositivo que inseriu o Ensino Religioso nas escolas públicas, de modo que o currículo seja efetivamente secularizado, sem prejuízo algum para as crenças dos alunos e de suas famílias” (Cunha, 2013, p. 102). Essa proposta tem como objetivo eliminar qualquer tipo de imposição ou orientação religiosa no ambiente educacional. 4. Considerações finais. Portanto, a consolidação de um currículo secularizado não implica na negação ou desrespeito às expressões religiosas e não religiosas, pelo contrário, Luiz Antônio Cunha defende que uma escola pública laica promove a valorização e o respeito à diversidade e à pluralidade. Porém, a implementação dessa recomendação enfrenta desafios significativos, principalmente relacionados aos embates políticos e ideológicos que permeiam a discussão sobre a laicidade na educação.

Palavras-chave: Diversidade Religiosa; Laicidade; Confessionalismo.

Referências

- CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e religiões**: a descolonização religiosa da escola pública. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. Disponível em: <https://livrosabertos.fae.ufmg.br/index.php/produto/educacao-e-religoes/>. Acesso em: 29 out. 2024.
- CUNHA, Luiz Antônio. Ensino religioso nas escolas públicas: origem e desenvolvimento do projeto católico. **Revista USP**, São Paulo, n. 142,

p. 75-90, jul/ago/set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i142p75-90>. Acesso em: 19 nov. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6a ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Pedagogia cirandeira: a ciranda de Manacapuru/AM e a educação das festas

Joycilane Souza de Oliveira

Adan Renê Pereira da Silva

Introdução: A relação entre educação e cultura deveria ser um tema de crescente importância no contexto contemporâneo, especialmente quando se considera a diversidade cultural presente nas comunidades brasileiras: carnaval, ciranda, quadrilhas, festas juninas, dentre outras, emolduram nosso país. Segundo Bourdieu (1996), a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua derradeira justificação, o que destaca a interdependência entre esses dois elementos e salienta a necessidade de cumprimento do artigo primeiro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. As festividades populares, como o Festival de Cirandas de Manacapuru, surgem como espaços significativos onde a cultura local é celebrada e, ao mesmo tempo, podem ser utilizadas como uma ferramenta pedagógica. A pedagogia das festas propõe que as comemorações não apenas preservem as tradições, mas promovam um aprendizado significativo e contextualizado. Neste sentido, Candau (2000) enfatiza a importância da incorporação da dimensão cultural na prática pedagógica, de forma a qualificar as relações entre ensino e aprendizagem. 2. Objetivo: O presente trabalho objetiva averiguar aspectos pedagógicos da Ciranda de Manacapuru por meio da investigação de uma das agremiações, a Ciranda Guerreiros Mura. 3. Metodologia: Por intermédio da realização de uma pesquisa do tipo qualitativo, realizou-se uma entrevista semiestruturada com um dos membros da Comissão de Artes da Ciranda Guerreiros Mura. O entrevistado foi selecionado pelos critérios de amostra proposital, focando-se em um estudo de

caso. 4. Resultados e Discussão: Ao se visualizar o conjunto dos dados, nota-se a potência de uma pedagogia das festas, interdisciplinar por excelência, mesclando conhecimentos artísticos, antropológicos, históricos, pedagógicos e sociológicos. Na fala do entrevistado, que salienta participar da agremiação “desde que me entendo por gente”, a ciranda ensina sobre mitos, lendas, a história da cidade e do Estado do Amazonas como um todo, além da convivência respeitosa com as diferenças, por conta da rivalidade que é construída na base do respeito. O conhecimento dos próprios indígenas Mura foi obtido na convivência com os festivais. Fenômenos como alteridade, igualdade e diferença são aspectos constitutivos do fenômeno cirandeiro, ainda na visão do entrevistado. Flor Matizada, Guerreiros Mura e Tradicional, na busca por fazer o melhor em suas apresentações – afinal, trata-se de uma disputa -, terminam por ensinar umas às outras conceitos como arte, cultura, música, dança e representações sobre saberes indígenas, africanos e “caboclos” (populações mestiças). Entende-se que os conhecimentos sistematizados, construídos nas trocas entre comunidade, artistas, cirandeiros, músicos, demais profissionais e Comissão de Artes, potencializado nos três dias de apresentação do Festival de Cirandas de Manacapuru são de fundamental importância e podem ser usados, além da educação informal, no próprio espaço escolar. 5. Conclusões: Considerando o que foi apreendido e aqui discutido, não se pode deixar de sugerir que novos estudos sejam esboçados nesta perspectiva promissora e necessária para outras concepções do conhecimento: “amazonizadas”, vistas da perspectiva dos produtores desses saberes, descolonizando imaginários e propondo formas não invisibilizadoras deste local tão intenso quando se pensa nas produções de dados em/entre/por festas do norte brasileiro. Este espaço é frequentemente negado, mas igualmente intenso e resistente ao longo do processo de apagamento histórico pela

colonização. A análise da Ciranda de Manacapuru revela a intersecção vital entre educação e cultura, destacando como as festividades populares podem ser ferramentas pedagógicas potentes. Ao integrar práticas culturais no currículo escolar e na chamada educação informal, pode-se promover um aprendizado significativo que valoriza a identidade local e resgata saberes tradicionais, tal qual salientado pelo entrevistado. A pesquisa sugere que o estudo das cirandas não somente preserva as chamadas tradições, mas fortalece a formação de uma sociedade mais plural e consciente de sua história. Portanto, novas investigações nesta área são essenciais para ressignificar o conhecimento e enriquecer a educação no contexto amazônico.

Palavras-chave: Pedagogia das Festas; Cirandas de Manacapuru; Ciranda Guerreiros Mura.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria de ação. Campinas: Papyrus, 1996.

CANDAU, Vera Maria. **Educação, escola e cultura(s):** construindo caminhos. São Paulo: Moderna, 2000.

(Des)bordando uma docência amazônida: linhas de uma formação inicial

Maria Eduarda Glória Neves¹

Monica Aikawa²

Mônica de Oliveira Costa³

Resumo: Como se dá uma formação docente amazônida em (des)bordamentos? Um questionamento que me atravessa quando me aproximo do bastidor na expectativa de fazer mais um bordado... mas dessa vez é diferente. Uma arte que valoriza a simetria, que em minha relação com linha e agulha, não se permite às falhas de um emaranhado de linhas presas, pude ver em minhas mãos se (des)bordando. Desbordando-me, me encontro com mundos de devires e possibilidades docentes, permeados pela filosofia da diferença em Michel Foucault, Deleuze e Guattari, em estudos sobre as infâncias e docência amazônida em iniciação científica (PAIC/FAPEAM) e em Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões, possibilitando confluir das intensidades, em cores e formas e cheiros e sabores e... e... e... (Deleuze, 1995), compondo/desenraizando, assim, um professorar desbordante em formação. Aqui, permito-me fantasiar um modo inventivo de uma formação docente amazônida pelo (des)bordamento do si. Nesta escrita, objetivo cartografar os acontecimentos desbordantes decorrentes

¹ Acadêmica do Curso regular em Pedagogia. Estudante do Grupo Vidar em In-Tensões. Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: megn.ped21@uea.edu.br.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) - EDUCANORTE/UFAM. Pesquisadora do Grupo Vidar em In-Tensões. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: maikawa@uea.edu.br.

³ Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC. Pesquisadora do Grupo Vidar em In-Tensões. Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: mdcosta@uea.edu.br.

das vivências de uma professora em formação com as infância(s) e Amazônia(s), frente aos estudos realizados em iniciação científica finalizada (Educação Infantil e BNCC: Rascunhos de um corpo) como em iniciação científica em andamento (Infância(s) e Amazônia(s) em registros autobiográficos de uma docência em formação inicial). Rascunhando, então, os aspectos de um currículo-corpo que atuam na formação inicial em Pedagogia, entre estranhamentos e encantamentos. Posso iniciar, então, com meus bordados docentes, onde as verdades enraizadas sobre um determinado professorar me tensionam, delimitando os caminhos que eu poderia traçar e fincar as minhas agulhas, permeadas de currículos nacionais que pouco habitam a Amazônia. Em movimentos de repetição desses modelos pré-estabelecidos, nada muda, nada cria, nada inventa, nada nada. Quanto mais cristalizada e dura a linha for, mais ela nos tranquiliza (Costa; Amorim; 2019). Em uma docência assentada por técnicas, receitas e moldes de um ser docente, que linhas se dispõem para um novo bordar? Nesse tear, como a moça Tecelã, eu tecia e entristecia. Um corpo entristecido não cria, um corpo entristecido não experimenta, um corpo entristecido só obedece e segue à risca o que é imposto, sem o direito de questionar. E assim desconfio dos caminhos traçados nas escolas das infâncias, onde a modelação de corpos ocorre através da força bruta, onde ao empregar, os despotencializam, podando seus risos, gestos, pensamentos, expressões, sendo, então, uma “condição à produção de corpos dóceis de que o modelo econômico necessita” (Tiriba, 2017). Repetir, repetir, repetir, até ficar diferente. Pensemos, então, em um corpo-infante desviante, entendendo a infância como um corpo sem órgãos, o entendendo como “um corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização” (Deleuze, 1995) que afronta o pensamento normativista heterogêneo, que desvia da reprodução de modos de existências

igualitários e em sua disrupção cria novos mundos, cria linhas de fuga deleuze-guattarianas. Esse corpo-infante desejante me convida a alçar novos vôos, me desorganiza, mas uma desorganização que “libera o corpo da prisão formada pelo estrato do organismo” (Dilacerda, 2021), se opondo às formas de poder sobre a vida (Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues, 2009). Assim, inicio meu desbordar. Dessa vez, não precisei escolher linha alguma, segurei o bastidor e a agulha, e comecei a libertar tudo o que estava preso (Colasanti, 2004). Desbordo as linhas fixadas no tecido, as linhas desse professorar que não cria, que não inventa. Assim como Manoel de Barros (1996), prefiro as linhas tortas como Deus. Invento um professorar-infante brincante, que se permite aos novos afetos e ao atravessamentos de emaranhados de linhas que me compõe à medida que me cartografo.

Palavras-Chave: Filosofia da diferença; Infâncias; Formação inicial.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane C. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set./dez. 2009.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. São Paulo: Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

COSTA, L.; AMORIM, A. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 912–933, 2019. DOI: 10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>. Acesso em: 16 nov. 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DILACERDA, L. Corpo sem órgão e esquizoanálise em Deleuze e Guattari. **Revista Lampejo**, v. 10, n. 1, ago. 2021, p. 318-325.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global Editora, 2004.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

Anísio Teixeira: a influência do pragmatismo na educação básica na visão docente

Angela Lorrannah Caetano Ribeiro¹

Brenda Macena Amaral²

Catarina Vieira da Silva³

Resumo: Esta pesquisa visa relatar o conceito de pragmatismo com base nas ideias de John Dewey e sua influência sobre Anísio Teixeira que, aplicando as ideias da corrente teórica, contribuiu para a construção e consolidação da educação básica no Brasil e das teorias acerca do pressuposto pragmático. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos entrevistas, pesquisas e, para consolidação de conhecimento sobre pragmatismo, estudo bibliográfico como sua principal metodologia para o desenvolvimento da presente pesquisa; adotamos, para fins de ciência acerca da visão dos professores da educação básica sobre esta corrente teórica, a realização de entrevistas com os docentes para estes compreenderem as aplicações dos conceitos pragmáticos em sala de aula e nos fornecerem sua visão e conjecturas acerca do que é, para eles, pragmatismo, e como eles sentem que a teoria se efetiva na prática. Trouxemos os conceitos de pragmatismo e evidenciamos na teoria e na prática, as ideias de Anísio Teixeira e de John Dewey sobre suas respectivas contribuições na educação básica. Para fins de análise da coleta dos dados na pesquisa, relacionamos o pensamento de Anísio Teixeira com as entrevistas embora um dos princípios pragmáticos de Dewey e Teixeira seja a

¹ Graduanda do Curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: alcr.ped24@uea.edu.br.

² Graduanda do Curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: bma.ped24@uea.edu.br.

³ Graduanda do Curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: cvdsi.ped24@uea.edu.br.

centralidade do estudante no âmbito escolar no contexto de ensino de aprendizagem, os resultados obtidos na pesquisa nos apontam que, mesmo que tenham sido aplicados de forma parcial, ainda existem obstáculos relacionados à implementação desses conceitos pragmáticos devido à dificuldade de adaptação do sistema educacional e das diferentes realidades dos alunos.

Palavras-chave: Conceitos Pragmáticos; John Dewey; Anísio Teixeira; Sistema Educacional; Formação Docente.

Referências

SOBRINHO, Denise Castro; NASCIMENTO, E. M. M. A influência da filosofia pragmatista de John Dewey no movimento dos pioneiros da Educação Nova. In: **Revista Fundamentos**. Teresina, v. 2, n. 1, p. 31-44, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/download/3718/2140>. Acesso em: 23 out. 2024.

AZEREDO, I.; JUNG, H. S. O protagonismo no processo de aprendizagem: percepções de estudantes. **Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática**, v.4, e023018, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/1496>. Acesso em: 23 out. 2024.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

NASCIMENTO, E. M. M. A influência do pragmatismo estadunidense na filosofia da educação de Anísio Teixeira: a dimensão político-pedagógica na defesa da escola pública. **Cadernos do PET Filosofia**. Itapetininga, v. 7, n. 13, p. 24-39, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/pet.v7i13.2016>. Acesso em: 25 out. 2024.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 73, p. 9-40,

2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000400002>. Acesso em: 1 nov. 2024.

DOS SANTOS, J. S. B. **A importância do lúdico para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança na educação infantil**. 2021. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Escola de Formação de Professores e Humanidades. Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2201/1/Monografia%20Jordanna%202.pdf>.

Arte, corpo e criança de Educação Infantil: Mobilizações de um professorar atelierista

Judi Carla Melo Cauper¹
Vitória Oliveira Miranda²
Mônica Aikawa³

Resumo: A arte como expressão de corpo, corpo como conspiração de forças, criança como atos inaugurais em produção de encontros, estética da existência da criança enquanto criação de si, de vida(s). Enquanto desconstruimos ideais clássicas da arte, que pregam uma arte com rigor técnico e produzida para poucos, até mesmo elitizada, pretendemos criar outras composições quanto à concepção de arte, uma que movimente a liberdade dos corpos, dos corpos das crianças de Educação Infantil, um corpo que elas possam se constituir enquanto artistas-protagonistas de suas artes próprias, de suas afecções, de seus corpos em devir. Assim, nos mobilizamos com o objetivo de criança a(s) ideia(s) de protagonismo da criança de Educação Infantil em meio ao conceito de corpo em Deleuze, Guattari, Espinosa e Loris Malaguzzi em diálogos com projetos de iniciação científica que envolveram

¹ Graduanda do curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bolsista com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) em Iniciação científica. E-mail: jcmc.ped21@uea.edu.br.

² Graduanda do 9º período do curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA); pesquisadora bolsista com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e membro da Liga Acadêmica de Políticas Públicas da Escola Normal Superior. E-mail: vom.ped21@uea.edu.br.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) - EDUCANORTE/UFAM. Pesquisadora do Grupo Vidar em In-Tensões. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: maikawa@uea.edu.br.

experimentações com a Educação Infantil. A arte como expressão de corpo, tende a ser uma aliada na construção de uma aprendizagem que gera potência de vida, fortalecendo o protagonismo e a estética da existência da criança junto ao professor. Compreender como a abordagem pedagógica Reggio Emilia relaciona-se com os conceitos de corpo-arte, a partir de diálogos entre projetos de iniciação científica, com a educação infantil, identificar como é construído o protagonismo mútuo entre o professor e a criança por meio da ludicidade diversificada, bem como explorar as novas concepções que figuram através do olhar, da escuta sensível que urge ser elementar na educação infantil e das ferramentas de corpo e de arte dentro do processo de formação, ratificam esta pesquisa. A abordagem desta pesquisa é de paradigma qualitativo e exploratório, em que a criatividade e o estímulo à pesquisa e à descoberta ganham novos enfoques, segundo a abordagem italiana Reggio Emiliana. A investigação exploratória orientada pela filosofia da diferença, em viés pós-estruturalista, embasados em autores como Deleuze, temos um movimento que traz novas lentes e novos olhares para aquilo que parece já estar tão sólido conceitualmente no imaginário coletivo e, conseqüentemente, no conhecimento produzido cotidianamente, levando à novas perspectivas de corpo-arte. Começamos a nos (re)configurar com esse olhar, uma escuta sensível, um corpo alegre que nos parece um afetamento necessário na Educação Infantil. O criancamento vai em avesso a esses conceitos rígidos, busca um afastamento do processo escolar, deslocamento da priorização cognitivista, para um modo de educar com as infâncias que fuja de um processo “que a passa a controlar não apenas o tempo dos indivíduos, mas também seus corpos, extraindo deles o máximo de tempo e de forças” (Tiriba, 2018, p.239). Nessa fuga, criamos uma materialidade para esses estudos com uma experimentação vivenciada em uma creche de Manaus mobilizando-se pela

abordagem Reggio Emília. Nela nos produzimos estudantes-professoras e professoras-atelieristas com os bebês, onde manusearam elementos naturais, tintas feitas a partir deles, tintas guache de várias cores e objetos como pincéis, esponjas e gravetos. Essa experimentação nos fez sentir que bebês criam seus modos de experimentação, movem-se pelos afetos, por seus modos de ver, escutar, sentir próprios e singulares de cada um, pensam com o corpo, tem o corpo como campo permanente de experimentação. A conexão com elementos como folhas, galhos, gravetos, flores, terra, areia que são presentes na creche se constituem em tempos de ser, de viver, de conviver, de criar-se em processos de subjetivação de si... tempos de criar. E em vias de “considerações finais”, nos (re)configuramos com a experimentação para um olhar sensível, para as subjetividades e multiplicidades das primeiras infâncias e de um professorar com o corpo, assim como na construção do protagonismo da criança junto ao professor, nos processos de educação e de vida, especialmente, na etapa da educação infantil, fase inicial da vida da criança em que ela principia e aguça sua leitura de mundo, na conexão com a natureza, com diferentes expressões de existências no contato com outras crianças, suas percepções nas relações com os outros e com suas subjetividades. Em virtude disso, é possível concluir que existimos em um mundo físico através do corpo, através do corpo expressamos nossas subjetividades e uma das ferramentas para a essa expressão de subjetividades é a arte.

Palavras-chave: Arte, Corpo, Criança; Educação Infantil; Reggio Emília.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. Editora Escuta, São Paulo, 2002.

HAWKINS, Frances Pockman. The logic of action. Young children at work. Boulder, CO: Associated University Press. In: EDWARDS, Carolyn (org.). **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

SOUZA BELO, Victor; BIANCA ANDRADE, Mirela; PIMENTEL, Alessandra. A ludicidade no desenvolvimento infantil e a abordagem de Reggio Emilia. **Revista Foco (Interdisciplinary Studies Journal)**, v. 16, n. 1, 2023.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

As pesquisas sobre racismo nos TCCs do Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior/ENS nos anos de 2012 a 2022

Gabriel Wadick dos Santos Leite¹

Vanderlete Pereira da Silva²

Resumo: Passadas duas décadas desde a promulgação da Lei 10.639/2003, se observa uma ampliação das discussões sobre racismo na sociedade brasileira, repercutindo de maneira significativa nos cursos de formação de professores e professoras. Essa lei, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, representa um marco no enfrentamento das desigualdades e preconceitos raciais enraizados na sociedade. Nesse contexto, a formação docente desempenha um papel crucial na ressignificação e valorização das matrizes culturais africanas que compõem a diversidade cultural brasileira. Por meio dessa formação, os/as futuros/as professores/as são preparados para atuar como agentes de transformação social, contribuindo diretamente para a educação das novas gerações e para a construção de uma sociedade equitativa e inclusiva. A relevância desse tema é ainda mais evidente ao considerarmos o papel dos professores e professoras no combate ao preconceito e à discriminação racial. Eles estão na linha de frente do processo educativo, favorecendo reflexões não apenas relacionadas ao conhecimento acadêmico, mas voltadas para construção de atitudes e valores das crianças e jovens numa outra perspectiva,

¹ Acadêmico do 9º período de Licenciatura em Pedagogia, pesquisador das temáticas raciais na formação docente e atual presidente da Liga Acadêmica de Políticas Públicas na Educação (LAPPE). E-mail: gwds1.ped21@uea.edu.br.

² Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2021). Professora Titular da Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: vpsilva@uea.edu.br.

que se distancie das ideias preconceituosas ainda tão presentes na sociedade de modo geral. Nesse sentido, é fundamental que os cursos de formação de professores/as promovam uma abordagem crítica e reflexiva sobre as questões raciais, para que os/as profissionais saibam lidar com a heterogeneidade cultural e as desigualdades presentes no ambiente escolar. Nesse sentido, uma questão pertinente emerge: a temática do racismo tem sido efetivamente abordada nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do curso de Pedagogia da Escola Normal Superior (ENS)? Para responder a essa pergunta, foi realizada uma pesquisa quantitativa e de análise documental, analisando os TCCs arquivados na biblioteca da ENS entre os anos de 2012 e 2022. O objetivo inicial foi identificar quantos trabalhos tratavam de questões raciais e, em seguida, analisar o conteúdo dessas produções. A técnica de triangulação de dados (TRIVIÑOS, 1987) foi utilizada para garantir uma análise robusta e detalhada. Para embasar a discussão, foram mobilizados teóricos renomados na área, como Petronilha Beatriz Gonçalves Silva (2018) e Nilma Lino Gomes (2020, 2021), cujas contribuições são fundamentais para o entendimento das questões raciais no Brasil. Os resultados da pesquisa revelaram um cenário preocupante. Em um período de 10 anos, apenas um TCC foi identificado abordando diretamente a pauta racial. Esse dado evidencia uma lacuna significativa na formação docente, considerando-se que a temática racial é central para o exercício de uma educação democrática e inclusiva. Consideramos que a ausência de trabalhos acadêmicos voltados para questões raciais, reflete a necessidade de ampliar as discussões na formação inicial no curso de Pedagogia, sugerindo a revisão da matriz curricular do curso.

Essa carência é particularmente preocupante porque os/as docentes formados/as neste curso irão atuar em salas de aula heterogêneas, compostas por alunos/as de diferentes origens culturais e étnicas.

Sem a conscientização e o preparo necessários para lidar com essa diversidade, os/as professores/as podem reproduzir, mesmo que de maneira inconsciente, preconceitos e desigualdades. Mais do que isso, estão menos aptos a promover debates e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e combatam o racismo, contribuindo para a perpetuação do preconceito étnico-racial na sociedade.

Portanto, os dados levantados pela pesquisa apontam para a necessidade urgente de repensar a matriz curricular dos cursos de formação de professores/as. É imprescindível que os currículos incluam de forma sistemática e transversal a discussão sobre questões raciais, tanto em termos teóricos quanto práticos. Essa inclusão não apenas atenderia às demandas da legislação vigente, mas prepararia melhor os futuros docentes para atuar em um contexto social marcado pela diversidade e pela persistência das desigualdades. Por fim, a análise reforça o papel estratégico dos cursos de formação docente no combate ao racismo e à discriminação. A produção acadêmica sobre questões raciais deve ser estimulada e valorizada, não apenas como um compromisso ético, mas como uma forma de promover a equidade e o respeito às diferenças. Formar professores/as conscientes e preparados para lidar com as questões raciais é uma das chaves para transformar a educação e, conseqüentemente, a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Racismo; Formação docente; Curso de Pedagogia.

Referências

- BRASIL. IPEA. **Atlas da Violência 2021**. v.2.7. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pb_estuprofinal.pdf. Acesso em: 14 fev. 2023.
- GOIS, Pamela Cristina. Pedagogia da decolonialidade: Um debate acerca do epistemicídio e uma educação antirracista como antídoto.

Revista Estudos Libertários, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, 2021, p. 101-120. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudos-libertarios/article/view/41555>. Acesso em: 09 nov. 2024.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, 2021, p. 435-454. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>. Acesso em: 09 nov. 2024.

GOMES, Nilma Lino. A força educativa e emancipatória do movimento negro em tempos de fragilidade democrática. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 360-371, jul. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052020000500360&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jul. 2023. <https://doi.org/10.12957/teias.%y.49715>

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**, Bogotá, Colombia, n. 14, jul.-dez. 2015, p. 55-73. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-esta-dual-de-mato-grosso-do-sul/desenvolvimento-regional/12-kripka-scheller-bonotto-2015-pesquisa-documental-na-pesquisa-qualitativa-conceitos-e-caracterizacao/50119539>. Acesso em: 09 nov. 2024.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá - Colombia, n. 9, jul.-dez. 2008, p. 73-101. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2024.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

MADUREIRA VIEIRA DA SILVA, Lílian Carine; BASSO SOARES SEVERO, Rita Cristine. Educação para as relações étnico-raciais: possibilidade da educação e um currículo antirracista? **Revista Docência e Cibercultura**, v. 5, n. 2, p. 243-261, jul. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/vi>

ew/57148/38459. Acesso em: 03 jun. 2023. <https://doi.org/10.12957/redoc.2021.57148>.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2023.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Educação das relações étnico-raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, v. 34, p. 123-150, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xggQmhckhC9mPwSYPJWFbND/?format=pdf>. Acesso em: 09 nov. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Corpos da diferença e a pedagogia da escuta: análise do projeto pedagógico do curso de Pedagogia

Keitiane Pinho Burlamaqui¹

Resumo: Os estudos sobre corpo e corporeidade são essenciais na formação de professores/as, especialmente para construir uma educação inclusiva e que acolha as diversidades. Esses temas tornam-se ainda mais relevantes no contexto amazônico, onde a diversidade cultural é profundamente marcante e atravessa as práticas e as vivências da população local. Nesse cenário, o corpo não é apenas um elemento biológico, mas cultural, social e político, articulador de saberes e produtor de sua própria existência, carregado de significados e histórias. A análise do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC) da Escola Normal Superior (ENS), Universidade do Estado do Amazonas (UEA) evidencia um comprometimento concreto em abordar essas questões, valorizando as especificidades culturais da Amazônia e reconhecendo as identidades indígenas que fazem parte deste rico cenário de diversidade. A pesquisa, de natureza qualitativa, com foco na fenomenologia, tem como objetivo conhecer os desdobramentos do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC), dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e das vivências das corporeidades indígenas no Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior, adotando a pedagogia da escuta (Alves, 2005) como um eixo central, uma vez que é necessário ir às coisas mesmas para captar a essência do fenômeno. Esse conceito se revela essencial para a construção de uma educação comprometida com a inclusão e a alteridade. A pedagogia da escuta vai além do

¹ Graduanda do curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: kpb.ped22@uea.edu.br.

ato de ouvir, ela demanda a criação de espaços seguros e respeitosos, onde as vozes, especialmente aquelas historicamente silenciadas, possam emergir com potência. Portanto, escutar implica em dar atenção às palavras que não foram ditas, aos silêncios que carregam significados profundos, e reconhecer o contraponto que ela representa frente à pedagogia tradicional presente em nossos currículos, que frequentemente aprisiona os corpos, desconsiderando sua capacidade criadora e impedindo-os de participar plenamente de seu próprio processo formativo. A pedagogia da escuta, muitas vezes negligenciada em nossos currículos, precisa ser trazida ao centro das práticas pedagógicas. Ela abre caminhos para que os sujeitos sejam valorizados em suas histórias, saberes e experiências, permitindo que suas identidades sejam afirmadas e reafirmadas em espaços de aprendizado. Ao falar das corporeidades indígenas, ouvir significa reconhecer os corpos como narrativas vivas, que expressam resistência, ancestralidade, cultura e identidade. Essa abordagem não apenas acolhe, mas celebra a diferença, abrindo espaço para o diálogo e para a construção de um ensino que contemple todas as formas de ser e estar no mundo. Os resultados da pesquisa revelam uma atenção relevante ao tema, tanto no PPC, com referências que vão da contextualização histórica às citações bibliográficas, quanto nos TCCs. Contudo, apenas sete TCCs abordaram diretamente a temática das corporeidades indígenas, o que destaca um espaço ainda limitado para essas discussões. Apesar disso, as vozes dos discentes indígenas participantes trouxeram contribuições significativas para a pesquisa. Esses relatos evidenciam desafios relacionados à integração e ao pertencimento no ambiente acadêmico, apontando a necessidade de uma formação docente mais atenta às diferenças e ao modo de ser e existir no mundo. A escassez de trabalhos acadêmicos sobre o tema reforça a urgência de práticas pedagógicas que valorizem essas narrativas,

incorporando a pedagogia do ouvir como eixo central. Essa abordagem, ao acolher as múltiplas vozes e experiências, cria um espaço de respeito e visibilidade, rompendo com as limitações impostas pelos currículos tradicionais. Assim, a pedagogia da escuta se apresenta como um caminho para ampliar a inclusão e valorizar as diferenças. Portanto, a pesquisa evidencia que o curso de Pedagogia da Escola Normal Superior ENS/UEA se destaca na valorização das corporeidades indígenas, contribuindo para uma formação docente comprometida com uma educação plural e diversa. Ainda assim, é evidente que há um longo caminho a ser trilhado, que exige esforços contínuos para consolidar uma pedagogia, de maneira que ela celebre a diversidade, reconheça a multiplicidade das existências e possibilite um aprendizado verdadeiramente transformador. Somente assim será possível construir um espaço educacional que acolha e valorize todas as formas de vida, potencializando os encontros e as experiências humanas em suas singularidades.

Palavras-Chave: Corpo; Corporeidade; Diferença.

Referências

- ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.
- GALLO, Silvio. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 17 mai. 2024.
- LAPOUJADE, David. **Existências Mínimas**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUNDURUKU, Daniel. Educação Indígena: do Corpo, da Mente e do Espírito. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009.

Formação docente para a diversidade sexual e de gênero: uma revisão narrativa de literatura

Carlos Eduardo da Cunha Pereira¹

Adan Renê Pereira da Silva²

Introdução

1. A formação de professores/as para a diversidade sexual e de gênero constitui uma necessidade no contexto educacional atual, principalmente em relação à escola. Com discriminações enfrentadas por estudantes LGBTQIAPN+, urge preparar docentes em formação para práticas inclusivas, afinal, a escola é espaço de socialização (Silva; Mascarenhas; Correa, 2021).

2. Objetivo: Averiguar a relação entre formação docente em gênero e diversidade sexual e a educação.

3. Metodologia: Adotou-se metodologia baseada em revisão bibliográfica narrativa, com análise crítica de artigos, capítulos de livro e livros que exploram a relação entre educação, gênero, sexualidade e formação, em consonância com referenciais teóricos pós-estruturalistas.

4. Resultados e Discussões: Generalisticamente, os trabalhos produzidos exploram o ambiente escolar como um espaço de normatização (Louro, 2007), no qual identidades divergentes da cis-heteronormatividade são frequentemente marginalizadas,

¹ Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas. Dedicou-se à pesquisa nas áreas de Financiamento da Educação e Pedagogia da Diversidade, participando ativamente de projetos de extensão e iniciação científica.

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (2016-2020). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (2012-2013). Especialista em História da Saúde na Amazônia pela FIOCRUZ-AM. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: adansilva.1@hotmail.com.

reforçando a exclusão (Silva; Mascarenhas, 2021). Os resultados obtidos mostram que os currículos das licenciaturas mantêm, em maioria, abordagens conservadoras, ignorando as demandas da sociedade contemporânea por maior inclusão, negando a formação neste eixo (Louro, 2007). Além disso, a revisão destaca que cursos de formação, frequentemente, negligenciam debates sobre diversidade, contribuindo para perpetuação de práticas pedagógicas que reforçam estereótipos e discriminam identidades de gênero e orientações sexuais não normativas (Nunes et al., 2021). Butler (2003) argumenta que as identidades de gênero e sexualidade são performativas, ou seja, construídas culturalmente por meio de discursos e práticas sociais. Quando o ambiente escolar adota uma perspectiva cis-heteronormativa, ele contribui para a marginalização de pessoas dissidentes, reforçando a ideia de que apenas algumas formas de ser e existir são válidas. Da mesma forma, Foucault (1988) analisa como as instituições, incluindo a escola, atuam como espaços de normatização e poder. A partir de suas reflexões, é possível entender que a educação regula comportamentos, silencia experiências fora do padrão socialmente estabelecido. No caso das escolas, o reforço de normas excludentes está relacionado à falta de preparo crítico dos/as educadores/as, reprodutores/as do conservadorismo. Assim, a lacuna na formação docente não apenas prejudica discentes LGBTQIAPN+, mas limita docentes, que não dispõem de ferramentas teóricas e práticas para lidar com a pluralidade de experiências no ambiente escolar. As análises realizadas evidenciam que incluir debates sobre diversidade sexual e de gênero na formação inicial de professores/as têm impacto significativo na desconstrução de normas excludentes (Louro, 2007). Estudantes LGBTQIAPN+ beneficiam-se de pedagogias que promovem respeito e acolhimento, moldando a escola em ambiente democrático (Pichetti; Seffner, 2016).

5. Conclusões: Com base nos dados, conclui-se que a formação docente precisa incorporar, de forma urgente, formações sobre diversidade sexual e de gênero. Instituições de ensino superior devem assumir a responsabilidade de revisar e atualizar seus programas de formação, oferecendo conteúdos e práticas que preparem os futuros/as professores/as para lidar com as demandas da sociedade contemporânea. Trata-se de compromisso ético e político com a promoção de igualdade e justiça social no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação; Diversidade sexual; Formação docente.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NUNES, Ane Caroline et al. Luta e libertação: sentidos e significados das vivências de escolarização das travestis e transexuais na escola. *In*: SILVA, Adan Renê Pereira da; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento (Orgs.).

Gênero, sexualidade e educação: perspectivas, cidadania e saberes para a inclusão da diversidade. Manaus: Edua; São Paulo: Alexa, 2021. p. 205-214.

PICCHETTI, Paulo; SEFFNER, Fernando. Cada um com a sua certeza: a escola e os esforços cotidianos para estar na norma e resistir a ela. *In*: NEVES, André Luiz Machado; CALEGARE, Fernanda Priscila Pereira; SILVA, Iolete Ribeiro (Orgs.). **Escola, sexualidade e gênero: perspectivas críticas**. Manaus: UEA Edições, 2016.

SILVA, Adan Renê Pereira da; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento; CORREA, Paulo Henrique Trindade. Entre falas e práticas: uma escola para todos e todas? **Caderno Gênero e**

Tecnologia. Curitiba, v. 14, n. 43, p. 134-152, jan-jul, 2021.
Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/view/12026>.
Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Adan Renê Pereira da; MASCARENHAS, Suely Aparecida Nascimento. Diversidade sexual e formação docente na Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED): discussões preliminares. *In*: SILVA, Adan Renê Pereira da; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento (Orgs.). **Gênero, sexualidade e educação**: perspectivas, cidadania e saberes para a inclusão da diversidade. Manaus: Edua; São Paulo: Alexa, 2021.

Recursos didáticos e metodologias ativas na formação de educadores em Geografia

Julia de Castro Bezerra¹

Davi Salomão Costa de Souza²

Danielle Mariam Araujo dos Santos³

Resumo: A palestra realizada na Universidade Uninorte teve como foco principal a importância das metodologias ativas e a utilização de recursos didáticos direcionados a professores em formação inicial no curso de Geografia. Este evento, destinado especificamente aos alunos do curso, proporcionou uma valiosa oportunidade para discutir e explorar práticas pedagógicas inovadoras, cujo objetivo é aprimorar o ensino e a aprendizagem dentro da sala de aula. No decorrer da palestra, foram apresentados diversos recursos que se destacaram pela sua variedade, abrangendo tanto as ferramentas analógicas quanto as digitais, que foram elaboradas pelos alunos participantes do projeto de extensão LABVIVO, vinculado ao curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A seção metodológica do evento enfatizou de forma clara a necessidade de diversificação nas abordagens pedagógicas, apresentando ferramentas que estimulam o engajamento dos alunos durante o processo de aprendizagem. Dentre os recursos analógicos destacados, foi apresentado o jogo didático Quebraminó. Este recurso visa desenvolver habilidades de raciocínio lógico e

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jdcg.geo22@uea.edu.br.

² Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dscs.geo22@uea.edu.br.

³ Professora Dra. do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dmsantos@uea.edu.br.

potenciar o pensamento espacial dos alunos, utilizando as linguagens cartográficas de forma lúdica e integradora. O jogo proporciona um ambiente dinâmico que estimula a interação e a colaboração entre os estudantes. No que tange aos recursos digitais, um destaque importante foi o Book Creator, uma ferramenta que permite aos alunos criar livros interativos. Esta ferramenta digital não apenas incentiva a criatividade e a habilidade de escrita, mas possibilita a elaboração de conteúdos de maneira dinâmica e acessível, atingindo uma diversidade de estilos de aprendizado. Essas metodologias ativas, discutidas durante a palestra, têm o potencial de promover um ambiente de aprendizado significativo, onde a participação ativa dos alunos é fundamental para o sucesso do processo educativo. A interatividade e a colaboração são aspectos essenciais, uma vez que os estudantes são instigados a se envolverem profundamente com o conteúdo abordado. As discussões que emergiram ao longo do evento ressaltaram ainda mais a relevância da troca de experiências e do compartilhamento de práticas pedagógicas que se mostraram bem-sucedidas em diferentes contextos educacionais. Um dos pontos abordados foi a necessidade de que a educação esteja em contínua transformação, incorporando novas tecnologias e metodologias que favoreçam um ensino inclusivo, eficaz e que atenda às diversas necessidades dos alunos. Este processo de atualização constante é crucial para que os educadores possam adaptar suas práticas às demandas contemporâneas, preparando-se para enfrentar os desafios que a sociedade atual impõe. Além disso, a participação ativa dos alunos no desenvolvimento de recursos didáticos é um aspecto essencial para a construção de um conhecimento que seja significativo e contextualizado. Essa experiência prática não só contribui para a formação de educadores críticos e criativos, mas os capacita a compreender melhor as realidades de seus futuros alunos. Ao estarem envolvidos na criação e utilização de ferramentas

educacionais, os alunos se tornam aptos a formular estratégias de ensino que considerem as particularidades e necessidades dos estudantes com os quais irão trabalhar. Em síntese, a palestra na Universidade Uninorte se revelou como um espaço propício para reflexão e diálogo sobre práticas pedagógicas inovadoras que utilizam metodologias ativas e recursos diversos. O compartilhamento de ideias e experiências entre os participantes reforçou a importância de um ensino que seja dinâmico, interativo e comprometido com o desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os para serem cidadãos críticos e participativos em um mundo em constante transformação. A formação de educadores que adotam essas abordagens é um fator chave para o avanço da educação de qualidade, capaz de moldar as futuras gerações e sua atuação na sociedade.

Palavras-chave: Metodologias ativas, recursos didáticos, formação docente.

Sabores e pertencimento: uma imersão amazônica - Experiências no Estágio Supervisionado II no 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Manaus

Kettlen Jennifer Carneiro¹

Ygo de Jesus Lima²

Resumo: No contexto educacional contemporâneo, práticas pedagógicas inovadoras que promovem uma aprendizagem significativa e integrada são essenciais. Surge, então, no estágio supervisionado II, do curso de Pedagogia, no componente curricular de metodologia no ensino da Geografia, a proposta de uma ação pedagógica para alunos do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Manaus, explorando interdisciplinarmente as disciplinas de Geografia, Língua Portuguesa, História e Ciências da Natureza. O objetivo geral da ação pedagógica foi proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda e contextualizada do Estado do Amazonas, de suas características geográficas, culturais e ambientais, e do papel dos povos originários na formação da identidade regional.

A justificativa para a ação baseia-se na necessidade de superar uma visão fragmentada de ensino, promovendo uma abordagem interdisciplinar que valorize a cultura local e desenvolva nas crianças um senso de pertencimento e responsabilidade ambiental. Fundamentação teórica. A proposta da ação pedagógica fundamenta-se na perspectiva da interdisciplinaridade como meio de superar a segmentação do conhecimento presente no currículo

¹ Discente de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: kjdcc.ped21@uea.edu.br.

² Graduando/discente de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ydjl.ped21@uea.edu.br.

formal, buscando uma educação mais integrada e contextualizada. Segundo Fazenda (2008), a interdisciplinaridade não é apenas um método, mas um modo de pensar a prática pedagógica, no qual as disciplinas se entrelaçam e proporcionam um ensino significativo, que vai além da simples transmissão de conteúdos isolados.

De acordo com Rita Frangella (2010), a interdisciplinaridade deve ser entendida como uma prática pedagógica que se propõe a romper com as barreiras disciplinares e estimular a construção de um conhecimento mais amplo e dinâmico.

Assim, o projeto pedagógico apresentado buscou articular diferentes disciplinas para explorar a cultura e o meio ambiente do estado do Amazonas, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizagem significativa e integrada.

Metodologia. A primeira etapa da ação envolveu o planejamento das atividades, com a organização dos conteúdos e a definição das estratégias pedagógicas. Foram elaboradas sequências didáticas que incluíram o uso de mapas, imagens, vídeos e materiais artísticos para promover uma compreensão contextualizada e interativa dos conteúdos. No desenvolvimento das sequências didáticas, a ação pedagógica foi dividida em dois momentos principais. No primeiro momento, as crianças foram propostas ao território do Amazonas, sua geografia e a história dos povos originários. Foram utilizados mapas em slides, facilitando a compreensão espacial da região.

No segundo momento, realizou-se uma atividade prática em que as crianças participaram da criação de um mapa coletivo do estado do Amazonas, utilizando materiais como papel madeira, barbante e tinta guache. Após a finalização das atividades, foi realizada uma etapa de consolidação e avaliação, onde os alunos participaram de debates sobre a importância de valorizar a cultura local e preservar o meio ambiente.

Discussão e análise. A proposta de ação pedagógica aplicada utilizou a interdisciplinaridade como um eixo central para romper com a estrutura fragmentada do currículo formal, proporcionando uma aprendizagem ampla e integrada. A abordagem permitiu que as crianças compreendessem a região não apenas como um conjunto de informações isoladas, mas como um sistema interconectado e sonoro, que influencia e é influenciado por aspectos culturais, sociais e ambientais. Nesse sentido, a atividade permitiu que as crianças se apropriassem dos conhecimentos de forma ativa, desenvolvendo habilidades críticas e reflexivas, enquanto se engajaram com temas relevantes para sua identidade e pertencimento.

Resultados e considerações finais. Os resultados obtidos a partir da implementação desta ação pedagógica trouxeram a eficácia da abordagem interdisciplinar para promover uma aprendizagem significativa e integrada entre os alunos. Como resultados, a ação pedagógica interdisciplinar possibilitou o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas nos alunos. Os debates e reflexões realizados durante as atividades fortaleceram a consciência ambiental e o respeito à diversidade cultural, formando crianças mais conscientes e responsáveis em relação ao seu meio. Em termos de considerações finais, evidencia-se a importância de romper com o currículo formal fragmentado. A experiência demonstra que uma educação voltada para a interdisciplinaridade e a valorização do contexto local é capaz de formar cidadãos conscientes e engajados, preparados para lidar com desafios complexos e comprometidos com a preservação de seu patrimônio natural e cultural.

Referências

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FRANGELLA, Rita. Educação infantil e a institucionalização da infância: entre a autonomia e a regulação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 1-15, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24081> . Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Ana Clara . A importância da floresta Amazônica. **Blog Leiturinha**. [s.l.], 02 set. 2019. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/importancia-da-floresta-amazonica/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Sustentar múltiplos fios: memória, história e ações políticas de ativistas lésbicas em Manaus (2005-2022)

Larissa da Silva e Silva

Júlio Cláudio da Silva

Michele Pires Lima

Resumo: O projeto de pesquisa buscou examinar as histórias, experiências e ações políticas de ativistas lésbicas em Manaus, entre 2005 e 2022. A relevância social desta pesquisa consiste em trazer para a academia motes que elucidem e visibilizam as memórias e as ações políticas e coletivas de mulheres lésbicas manauaras, abrangendo as relações sociais e as dinâmicas dos espaços que participaram e contribuíram na construção e expansão, contribuindo para produção de uma historiografia regional multifacetada. Na pesquisa utilizou-se dois tipos de documentação: periódicos e documentos oficiais.

Os periódicos como fonte são fenômenos relativamente recentes no interior da historiografia. Com isso, fora utilizado o método bibliográfico documental, no qual os documentos foram os dados do jornal *A Crítica* e o acervo do Conselho Municipal da Mulher (CMDM/Manaus) a fim de identificar os discursos e práticas de enfrentamento ao patriarcado e todas as formas de violência, defendendo a equidade de gênero e garantindo os direitos dos grupos em situação de precariedade social em Manaus e entendermos historicamente a atuação das personagens dessa investigação no controle social e na proposição de políticas públicas. A história das mulheres e das relações de gênero, como campo de estudo em expansão, acompanhou “em surdina o ‘movimento’ das mulheres em direção à emancipação e à liberação”. Por esse caminho, é importante salientar que por muito tempo as mulheres

foram mergulhadas no “oceano de silêncio”, esquecidas como se fossem “destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo ou, ao menos, fora do acontecimento” (Perrot, 2007; 2015, p. 9-15). Diante disso, não queremos verificar as experiências e memórias de ativistas lésbicas apenas nos movimentos sociais (LGBTI+ e feminista), mas tornar visíveis em outros espaços de luta, como Conselhos gestores, com a devida valorização e o respeito, e com isso construir um quadro explicativo-interpretativo da formação das articulações sociais e políticas da comunidade na cidade de Manaus nas duas primeiras décadas do XXI. A título de contextualização, percebemos a participação das mulheres lésbicas em diferentes espaços e contextos sociais, inclusive no movimento de mulheres e feministas, como o Fórum Permanente de Mulheres de Manaus/AM (FPMM), que surgiu, a princípio, com o objetivo de reunir os grupos sociais de mulheres, discutir e indicar para compor o Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres – CMDM, porque “para fundar um conselho de direito era e ainda é necessário um fórum que legitime seus assentos”. Sendo assim, o Fórum Permanente de Mulheres de Manaus se constituiu, desde 2006. Durante toda a pesquisa notou-se que o ativismo lésbico está fortemente associado à historiografia das relações de gênero e sexualidade, ou seja, no processo de buscar por seus direitos que estão atrelados diretamente aos direitos das mulheres, assim como podemos perceber a falta de atuação e falas das ativistas. Logo evidenciamos a estrutura do acervo do CMDM, seus documentos e a organização ou não destes, como dados perdidos, atas e frequências com mudanças de datas por falta de quórum nas reuniões do CMDM, as lutas dos movimentos sociais e transição dos membros dentro dos desses movimentos, assim compreendemos o movimento social de mulheres, com ações e perspectivas interseccional, fundamentais para o empoderamento

e a conquista de direitos, espaço de fala e escuta pelas mulheridades amazônidas. No fim da pesquisa, houve criação de planilhas com os dados recolhidos do acervo do CMDM com datas das atas de reunião, resumo da atividade, falas ou presença das ativistas lésbicas; criação de gráficos com dados referentes às leituras de notícias sobre algumas ativistas com maior atividade na área. Podemos perceber a representatividade das organizações da sociedade civil que essas mulheres estiveram inseridas para identificar as relações sociais, políticas, de raça, de gênero e de sexualidade na cidade de Manaus entre 2005 a 2022.

Palavras-chave: História, Ativismo, Lésbicas.

Referências

Ciências Sociais Unisinos, vol. 42, núm. 1, janeiro-abril, 2006, pp. 19-26. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93842103.pdf>. Acesso em 10 nov. 2024.

LÜCHMANN, Hahn; HELENA, Lígia Helena. Os sentidos e desafios da participação.

LÜCHMANN, L. H. H.; SCHAEFER, M. I.; NICOLETTI, A. S. Associativismo e repertórios de ação político-institucional. **Opinião Pública**, v. 23, n. 2, p. 361–396, ago. 2017.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHERER-WARREN, I. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 13, 31 dez. 2014.

Diversidade e diferença: Voltando o olhar para a comunicação intercultural entre crianças da educação infantil

Alini Ramos da Silva¹

Introdução. O ano de 2017 foi marcado pela chegada da população venezuelana em Manaus (AM), em busca de melhores oportunidades de trabalho e educação. Fugindo das crises políticas que afetaram todos os setores da sociedade, muitos venezuelanos buscaram na capital do Amazonas o acolhimento para residir e recomeçar. Com essa população, muitas crianças chegaram à capital em idade escolar ou passaram a integrar esse grupo após sua chegada, movimento que exigiu a inserção dessas crianças nas escolas da capital, ainda que enfrentando muitos desafios. A permanência dessa população na cidade, a colocou em interação com a cultura local, favorecendo interações talvez ainda não experimentadas, principalmente entre as crianças das duas diferentes culturas. Lopes (2008), em seus estudos sobre interculturalidade e educação, defende a perspectiva de que a interação entre culturas no ambiente escolar favorece uma educação multicultural necessária para lidar com diferentes contextos, e, aqui, pode-se exemplificar o movimento migratório venezuelano vivenciado nas escolas da rede pública de Manaus. Para a autora, essa mescla entre as culturas, favorece o enriquecimento cultural, principalmente quando se trata de crianças, que estão ainda construindo suas perspectivas de interação com o mundo e aprendendo as relações socioculturais. É considerando esse histórico, que o trabalho reúne observações feitas em uma turma de Pré-escola, com crianças de quatro anos de

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) E-mail: ardsl.ped21@uea.edu.br.

idade, durante o Estágio Supervisionado I – Educação Infantil, realizado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Graziela Ribeiro, escola localizada no bairro Alvorada, região Centro-Oeste de Manaus (AM). As observações e reflexões que resultaram nos relatos, aqui registrados, não só revelam uma das faces da educação infantil pública de Manaus, mas como as diferentes culturas, interagem no processo de aprendizagem e crescimento de uma criança.

1. Intercâmbio nos aspectos culturais. No convívio em sociedade, somos desafiados a lidar com diferenças incontáveis, sejam elas relacionadas às experiências, práticas, valores ou culturas. Sendo a instituição escolar, mesmo as que lidam com crianças pequenas como as creches e pré-escolas, parte da sociedade, esse movimento ocorre nas salas de referência, onde as crianças, convivendo com as diferenças, aprendem a se relacionar com seus pares e a construir vínculos ao longo desse convívio. A troca nos aspectos culturais foi diariamente vista na turma de Pré-escola do CMEI Graziela Ribeiro, onde crianças brasileiras e venezuelanas, talvez de forma inconsciente quanto à magnitude de suas ações, superaram desafios socioculturais por meio de suas brincadeiras, conversas e afetos.

1.1 Interculturalidade na comunicação. Segundo os fundamentos teóricos de Vygotsky (2021), a interação verbal é parte fundamental para indivíduos relacionarem-se entre si e também para que a aprendizagem ocorra de forma mais funcional. Assim, Vygotsky (2021) defende que a linguagem não está somente para o desenvolvimento do pensamento individual, mas serve como ferramenta de desenvolvimento social, garantindo a interação entre indivíduos.

O olhar inicial para uma sala de referência, onde os idiomas se diferem, nos faz pensar imediatamente na possibilidade da comunicação entre as crianças não ocorrer. Aspectos como, por exemplo, a timidez, a falta de segurança para conversar com

alguém que não fala o mesmo idioma que o seu e a falta de compreensão de certas palavra e/ou expressões ditas pelo outro, perpassam o pensamento dos adultos ao se relacionarem uns com os outros. No entanto, as ponderações que geralmente os adultos fazem antes de iniciar uma conversa, não foram as mesmas que observei entre as crianças da pré-escola, pois, isso se deu de forma diferente entre as crianças brasileiras e venezuelanas que observei durante o Estágio.

Todos os dias, ao estar na sala de referência e observar o comportamento das crianças, era possível perceber como eles se sentiam confortáveis para interagir com os outros colegas, ainda que estes precisassem repetir suas salas ou ensinar seus pares uma palavra nova ou o significado daquilo que estava falando e, que esse descobrir e conhecer algo novo, os instigava a querer saber mais do colega e da sua cultura. Não raramente era possível ouvir uma criança perguntar a outra sobre como determinado objeto era denominado na língua materna do amigo. Talvez sem conseguir dimensionar o que estavam fazendo, essas crianças estavam não só se educando culturalmente, mas fortalecendo a identidade cultural umas das outras.

A identidade cultural, segundo Patto (1999), está intrinsecamente ligada à formação de valores, crenças, tradições e perspectivas do meio em que se está inserido, não devendo ser essa tratada de forma simplista ou carregada de estereótipos. Ao aprender o idioma uns dos outros, as crianças fortalecem suas identidades culturais e acolhem a identidade do outro, ao dar espaço para que esse compartilhasse aquilo que é próprio da sua cultura.

Ao problematizar conceitos como discurso, identidade e interação verbal, Bakhtin (1941) defende que a língua, o idioma no processo de comunicação, tem papel crucial na formação da identidade do indivíduo uma vez que a língua não é neutra, mas vem carregada de informações sobre o contexto sociocultural de cada pessoa. “A

língua não é uma propriedade individual, mas um fenômeno social, pertencente a toda uma coletividade, e a identidade do sujeito é construída no entrelaçamento dessas várias vozes” (BAKHTIN, 1941).

Refletindo sobre as relações que essas crianças construíram ao longo dos dias em suas conversas e brincadeiras, é importante ressaltar que, apesar da diferença de idioma, na visão dos adultos, ter sido um obstáculo, predominou o esforço das crianças em acolher e aprender com seus colegas. Destaco que, em se tratando de uma turma de pré-escola, as crianças brasileiras estão no processo de alfabetização em sua língua materna, enquanto as crianças venezuelanas participam desse mesmo processo de alfabetização, mas mediando o aprendizado do idioma local, mantendo somente em casa a preservação da sua língua materna. Tal situação acaba colocando as crianças brasileiras em condições mais favoráveis que as venezuelanas.

Retomando a conexão intercultural, Santos (2001) apresenta o termo “ecologia de saberes”, que nada mais é do que a defesa de que diferentes culturas possuem valor inestimável para que a sociedade aprenda a respeitar a pluralidade de valores, costumes e saberes que são inevitáveis em grandes comunidades. Os relatos citados evidenciam a necessidade de haver diálogo entre os indivíduos para que os aspectos culturais não se tornem barreiras, uma vez que ficou evidente entre as crianças que é possível superar as dificuldades da língua e haver entendimento e aprendizagens entre as pessoas.

Considerações finais. Contudo, o que se observou foi um ambiente de troca e colaboração, onde, mesmo diante das dificuldades linguísticas, as crianças se empenharam em superar barreiras, seja através de gestos, desenhos, perguntas repetidas ou por meio das brincadeiras. Esses momentos, muitas vezes marcados por erros e acertos, eram acompanhados de risadas, o que evidencia o papel

da linguagem, não só como uma ferramenta cognitiva, mas como um instrumento de vínculo social e cultural, como defendem Vygotsky (2021) e Bakhtin (2006).

O que ficou evidenciado nas observações confirma as construções teóricas de Vygotsky (2021), acerca da aprendizagem e do desenvolvimento humano, afirmando que ambos acontecem de forma social e interativa, e é na interação verbal que as crianças constroem seu conhecimento e suas relações. Em paralelo, Bakhtin (2006) reforça que a língua é um fenômeno social que não é apenas um instrumento de comunicação, mas um meio através do qual se constroem e se negociam identidades culturais, confirmado nas interações entre as crianças brasileiras e venezuelanas no ambiente da pré-escola.

Assim, ao acolher as diferenças linguísticas e culturais, as crianças não apenas aprendem a se comunicar, mas reforçam e compartilham suas próprias identidades culturais, criando um ambiente rico de troca e respeito mútuo.

Palavras-chave: Imigração venezuelana, Diferença cultural, Criança.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A filosofia da ação**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2006.

PATTO, Maria Helena Souza. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. Trad. de Maria Nogueira. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

**EDUCAÇÃO E DIREITOS
HUMANOS**

Educação e reprodução social: Uma análise lukacsiana

Edemir Graça Neto¹

Mauro Gomes da Costa²

Resumo: A pesquisa tem como objeto a obra do filósofo húngaro György Lukács (1885-1971), especificamente sua concepção acerca da educação. O objetivo do trabalho é analisar de que maneira a filosofia lukacsiana concebe a educação. Trata-se de pesquisa qualitativa e estudo bibliográfico, com ênfase em algumas categorias do pensamento de Lukács, a saber, trabalho, reprodução, ideologia, ontologia e educação. Observamos que Lukács considera o trabalho como ato fundante do ser social, uma vez que o ser humano é dotado de capacidades para satisfazer suas necessidades biológicas (comer, beber, reproduzir-se), pois ele implica produção e armazenamento de conhecimento sobre determinada ação (a produção de um machado, a evolução e o ganho de eficiência do indivíduo quando fizer outro machado), o que resulta em reprodução social, que encontra na reprodução biológica o impulso de sua continuidade, ocasionando, assim, a transformação da natureza pelo homem e a transformação do homem pela natureza. A educação em Lukács está relacionada e direcionada socialmente, posto que serve como fio condutor para variadas finalidades com os educandos, estando estes objetivos sob a égide da necessidade que determinado meio social e tempo histórico possui; o autor defende que as categorias econômicas, no

¹ Graduando do Curso Regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: egn.ped22@uea.edu.br.

² Doutor em Educação. Professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Docente e orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia/PPGEEC, Programa de Pós-Graduação em Educação/PGGED e do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGEDA/EDUCANORTE/UFPA/UEA. Email: mcosta@uea.edu.br

modo de produção capitalista, são determinantes materiais, física e intelectualmente para a trajetória dos educandos. Analisando a época de Marx e Engels e classificando os eventos pós-revolução de 1848 como começo da decadência ideológica, observou que, em decorrência desse evento, a divisão social do trabalho se modificou de maneira tal que se iniciou, a partir disso, uma separação entre trabalho físico e trabalho intelectual, aprofundando, assim, os antagonismos e desigualdades materiais e intelectuais de classes, refletidos todos sobre a educação. Lukács observa, a partir de Engels, que só no modo de produção capitalista, a divisão social do trabalho se impõe a todas as classes, influenciando ideologicamente todos; esta é uma constatação da tese de Lukács que o ser social, o indivíduo humano é resultado das múltiplas determinações históricas. Podemos observar como a ideologia se difunde através (mas não somente) da reprodução social, que se dá por meio do trabalho, da educação, da família e suas múltiplas formas de ser nos diferentes tempos e culturas históricas, do lastro material que rege um tempo histórico. Lukács abre uma chave de interpretação não somente do modo de produção capitalista, mas dos modos de produção anteriores (escravista, feudal, asiático) e nos aponta chaves de interpretação acerca de futuros modos de produção. O filósofo, pautado em Marx, observa que o ser social não se efetiva, transforma a natureza ou muito menos muda o seu meio social através de puro idealismo; antes, é necessário práxis, teoria aliada à prática material, seja pela transformação da natureza por meio do trabalho, do trabalho docente que mire a conscientização sobre as mazelas sociais contemporâneas, seja pela prática revolucionária.

Palavras-chave: Realismo educativo; Trabalho; Natureza; Ser Social; Ideologia.

Referências

INFRANCA, Antonino. **Trabalho, indivíduo, história**: o conceito de trabalho em Lukács. São Paulo: Boitempo; Marília, SP: Oficina Universitária Unesp, 2014.

LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. Trad. Ana Contrim; Vera Contrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

ROSSI, Rafael. Ontologia, emancipação e educação. In: VEDDA, Miguel; COSTA, Gilmaisa; ALCÂNTARA, Norma (Org.). **Anuário Lukács 2016**. São Paulo: Instituto Lukács, 2016. Disponível em: <https://coletivoveredas.com.br/livros-em-pdf-instituto-lukacs/>.

Acesso em: 15 nov. 2024.

A pesquisa e a extensão com pessoas em situação de vulnerabilidade social: Um viés pedagógico necessário à formação docente

Diely de Queiroz Rocha¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: O presente relato aborda a minha percepção e vivência com alunos migrantes venezuelanos durante o Estágio. E, no momento, isso se identifica com um dos projetos do programa de extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas. O objetivo geral do projeto é oportunizar apoio didático-pedagógico à escolarização de migrantes, estudantes dos Anos Iniciais e/ou da Educação de Jovens e Adultos (primeiro segmento), da rede pública de ensino, que fazem uso do espanhol como primeira língua. Os objetivos específicos são: contextualizar a temática do projeto, com base na literatura e legislação pertinentes; implementar as ações planejadas, articulando extensão e pesquisa; relacionar as ações/resultados do projeto com a formação acadêmica e futura atuação profissional. O arcabouço metodológico deste projeto da Escola de Egressos interliga dois grupos: a) 23 acadêmicos das licenciaturas (Pedagogia, Matemática, Teatro, atendidos por meio de palestras, oficinas e minicursos, tratando da educação inclusiva, dos direitos humanos, da vulnerabilidade social e da formação docente. Essa preparação antecipa as ações do projeto de extensão

¹ Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, voluntária do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). E-mail: ddqr.ped21@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

“Acolher”; b) 30 migrantes, estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e/ou da Educação de Jovens e Adultos (primeiro segmento), da rede pública de ensino em Manaus. Os acadêmicos vão desenvolver as ações em duas escolas públicas. Dentre os procedimentos didático-metodológicos para os estudantes das escolas, propomos os jogos (musicais, teatrais); a expressão corporal (mímicas e dramatização); o desenho e a pintura livre; o teatro-fórum; o teatro imagem; a produção literária escrita e oral, na perspectiva intercultural, a partir de temas discutidos no planejamento e sugeridos pelos alunos, em parceria com as/os professoras/es das escolas. O Programa Escola de Egressos abrange temáticas socioeducacionais como ferramenta de ensino, pesquisa e extensão dentro do contexto acadêmico. Desse modo, suas atividades reverberam na vida de pessoas em situação de vulnerabilidade social, construindo um currículo para além do ensino formal e viabilizando experiências extracurriculares aos acadêmicos. O pedagogo, durante seu processo de formação, precisa reconhecer a necessidade de envolver-se em várias atividades sociais, por essa razão, esse projeto de extensão é de suma importância para a construção social dos saberes. Ressalto a necessidade de o universo acadêmico integrar-se com as vivências sociais, possibilitando discussões fundamentadas na concepção da educação inclusiva para pessoas em situação de vulnerabilidade social, a exemplo dos estudantes venezuelanos. Desse modo, “a formação virtual Formação de Professores(as) para a Garantia do Direito à Educação de Crianças e Adolescentes Refugiados e Migrantes (EDUMIGRA), tem como objetivo promover a reflexão sobre os movimentos migratórios e a acolhida de pessoas migrantes em escolas brasileiras” (AMAZONAS/UNICEF, 2021, p. 1). Considero sensacional essa temática, já que é algo que eu ouvi muito pouco durante a minha trajetória acadêmica, mas que eu me aproximei durante um dos estágios. Foi em uma escola pública,

conheci um garotinho que sempre me contava como era sua vida na Venezuela, como ele e sua família precisaram vir para Manaus em busca de trabalho. Vale ressaltar que “todos os migrantes têm o direito à educação, com as garantias de que instituições, professores e colegas respeitem as suas condições, pois muitas vezes podem apresentar dificuldade na língua, na adaptação e na convivência intercultural” (FRIEDRICH et al., 2020, p. 72). Esse garoto até me ensinava palavras em espanhol e o meu coração despertou para algumas temáticas transculturais depois disso, visto que é um assunto de extrema relevância para o cenário educacional. É necessário que os olhos estejam sensíveis e atentos para atender a todas as pessoas de forma equitativa e humanitária. Ao finalizar este texto, ressalto que o educador em formação precisa investigar diferentes espaços, já que a pedagogia perpassa por lugares, culturas, contextos e diferentes grupos de pessoas. Por isso, faz-se necessária a pesquisa se intensificar nesta área, oportunizando aos acadêmicos vivências diversificadas e promovendo reflexões que repercutem na sua formação inicial e continuada.

Palavras-chave: Formação Docente; Extensão; Migrantes e Refugiados; Pesquisa.

Referências

AMAZONAS/UNICEF. Secretaria de Estado da Educação; Secretaria Municipal de Educação de Manaus. Manual EDUMIGRA. Formação virtual EDUMIGRA – Formação de Professores(as) para a Garantia do Direito à Educação de Crianças e Adolescentes Refugiados e Migrantes. Manaus, 2021. Disponível em: <http://sistemas.seduc.am.gov.br.edumigra>. Acesso: 23 jan. 2024.

FRIEDRICH, Tatyana Scheila; SOUZA, Isabella Louise Traub Soares de; CRUZ, Taís Vella (Orgs.). **Comentários à Lei**

13.445/2017: a Lei de Migração [recurso eletrônico] / Tatyana Scheila Friedrich; Isabella Louise Traub Soares de Souza; Taís Vella Cruz (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

Ensino de Matemática e deficiência intelectual: Práticas Inclusivas e Tecnologias Assistivas em uma Escola Pública

Carlos Henrique da Silva Ramalho¹

Márcio Gonçalves dos Santos²

Este estudo explorou práticas pedagógicas inclusivas para o ensino de Matemática a um aluno com deficiência intelectual (DI) em uma escola pública de Manaus. A pesquisa, de abordagem qualitativa e estruturada como estudo de caso, investigou como a resolução de problemas e o uso de tecnologias assistivas contribuíram para o aprendizado do aluno, considerando as particularidades cognitivas e sociais da deficiência intelectual. O ensino de Matemática para alunos com DI é desafiador, dado o impacto dessa condição em habilidades fundamentais como o raciocínio lógico e a resolução de problemas. O estudo fundamentou-se em políticas públicas de inclusão, como a Declaração de Salamanca (1994), a Política Nacional de Educação Especial (2008) e a Lei Brasileira de Inclusão (2015), e teve como objetivo principal compreender como práticas adaptadas e tecnologias assistivas podem promover o desenvolvimento matemático desses estudantes, e, portanto, contribuir para o desenvolvimento cognitivo como pensamento e linguagem. A pesquisa seguiu o método qualitativo, com foco em um aluno de 14 anos matriculado no 7º ano de uma Escola Municipal de Manaus, a partir do trabalho de mediador escolar, o qual gerou dados para o trabalho de pesquisa e defesa de

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Email: chdsr.am.br@gmail.com.

² Doutor em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ.
Docente do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas/UEA.
Email: mgsantos@uea.edu.br.

graduação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Foram realizadas observações das aulas, análise de planos pedagógicos e registros das atividades, destacando intervenções com tecnologias assistivas e dinâmicas sociais. A análise de dados foi conduzida por meio de núcleos de significação (Aguiar e Orzela, 2006), os quais agrupam temas como interação social, uso de tecnologias e adaptação curricular. Os resultados evidenciaram que a adaptação curricular, o uso de materiais concretos e a contextualização das atividades foram essenciais para superar as dificuldades do aluno, que demonstra a ampla necessidade de planejamento de ensino individualizado para o público da Educação Especial. Tecnologias assistivas, como blocos de contagem e jogos lúdicos, facilitaram o entendimento de operações matemáticas básicas, enquanto interações sociais aumentaram a motivação e a participação do aluno (Galvão, 2009), evidenciando-se a necessidade de se trabalhar a articulação entre o cognitivo-emocional. Atividades de grupo ampliaram a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conforme a teoria de Vygotsky (2007), permitindo que o aluno avançasse com suporte dos colegas. Essas estratégias pedagógicas são indispensáveis ao se trabalhar com alunos com necessidades especiais e específicas. A pesquisa destaca que práticas pedagógicas flexíveis, combinadas a recursos visuais e manipulativos, promovem um aprendizado inclusivo e eficaz para alunos com DI. A utilização de jogos educativos, como o xadrez, foi particularmente útil no desenvolvimento do raciocínio lógico e estratégico. Além disso, a formação de um ambiente inclusivo e colaborativo contribuiu para o fortalecimento de habilidades sociais e emocionais, garantindo a permanência do aluno em sala de aula e seu direito à Educação. A experiência mostrou que estratégias pedagógicas personalizadas, aliadas a tecnologias assistivas, tornam a matemática mais acessível e significativa, bem como pode contribuir para o desenvolvimento

de outros aspectos neuropsicológicos como pensamento, linguagem, memória e inteligência. Uma formação de professores pautadas em Direitos Humanos e a adoção de abordagens colaborativas são indispensáveis para fortalecer a educação inclusiva em todos os contextos e segmentos da Educação Básica, fortalecendo a construção de uma sociedade mais humana e humanizadora.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Deficiência Intelectual; Ensino de Matemática; Tecnologias Assistivas; Adaptação Curricular.

Referências

AGUIAR, Wanda M. J.; OZELLA, Sergio. **A construção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para a análise de núcleos de significação.** São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de . **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 10 nov. 2024 .

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais.** Salamanca: UNESCO, 1994. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GALVÃO FILHO, Teófilo A. **Tecnologias assistivas e inclusão escolar.** São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Gênero e sexualidade na Educação Infantil e Anos Iniciais: experiências e práticas pedagógicas inclusivas nos estágios supervisionados

Paulo Roberto Olímpio da Silva¹

Márcio Gonçalves dos Santos²

Resumo: Este artigo explora como as temáticas de gênero e sexualidade podem ser trabalhadas na Educação Infantil. Fundamentado em uma abordagem pós-crítica, o estudo reflete sobre desafios, resistências e possibilidades de implementar práticas pedagógicas inclusivas que promovam a diversidade e o respeito às diferenças, pautadas na Educação em Direitos Humanos. A relevância do tema está ancorada na formação integral das crianças, como previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e nas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que apontam para a importância de tratar a diversidade desde a infância. A escola é vista como um espaço privilegiado para construir uma cultura de respeito e empatia, capaz de desconstruir estereótipos e normas de gênero, que acabam cerceando Direitos a certos grupos socialmente mais vulneráveis. No entanto, resistências culturais, religiosas e falta de preparo docente frequentemente dificultam a inclusão dessas temáticas no ambiente escolar. A pesquisa utilizou a metodologia qualitativa, observando práticas pedagógicas em duas instituições públicas de Manaus durante os Estágios Supervisionados em Pedagogia, um

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Email: r8903740@gmail.com.

² Doutor em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ.
Docente do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas/UEA.
Email: mgsantos@uea.edu.br.

CMEI e uma Escola de Ensino dos Anos Iniciais do Fundamental. Os dados foram coletados por meio de observação participante, diário de campo, entrevistas com educadores e grupos focais com pais, permitindo uma triangulação para uma maior apreensão de categorias analíticas. Tais análises, baseadas nas teorias de Simone de Beauvoir, Judith Butler e Michel Foucault, destacaram como as práticas escolares podem tanto perpetuar quanto desafiar normas hegemônicas de gênero e sexualidade que estão imbricadas nas falas das crianças. Os resultados mostram que as crianças inicialmente reproduzem estereótipos, como a associação de cores e brinquedos a gêneros específicos, mas demonstram abertura para questioná-los quando incentivadas a refletir criticamente, o que exige do professor uma formação pedagógica atuante baseada em práticas lúdicas, participativas e inclusivas. Atividades como a "caixa surpresa" e discussões sobre configurações familiares diversificadas mostraram-se eficazes para promover o respeito à diversidade, apesar do surgimento de algumas percepções baseadas no moralismo religioso. Outro ponto essencial observado na pesquisa foi a mediação dos educadores. Esta foi essencial para guiar as crianças a uma compreensão inclusiva, pois o aspecto colaborativo da mediação permite a construção pedagógica mútua ainda mais se tratando de temas contemporâneos como gênero e sexualidade. Contudo, a pesquisa revelou barreiras significativas, como a resistência de alguns pais e educadores, que consideram os temas inadequados para a faixa etária. Tais resistências evidenciam a necessidade de formação continuada para capacitar os profissionais da educação a abordarem gênero e sexualidade com segurança e sensibilidade. E, apesar de todas as tecnologias reguladoras de corpos provenientes de algumas famílias, a escola não pode coadunar com essas barreiras. Ao contrário, deve promover debates constantes para mitigar os preconceitos e discriminações que excluem alguns corpos do Direito à Educação

como Direito Social e, portanto, Direitos Humanos. O estudo conclui que práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil podem impactar positivamente o desenvolvimento social e emocional das crianças, fortalecendo habilidades como empatia e convivência pacífica, sem deixar de mencionar a contribuição na formação de uma sociedade humana e solidária às diferenças. Recomenda-se que futuras pesquisas explorem os efeitos de longo prazo dessas intervenções e incentivem o diálogo entre escolas e famílias para superar resistências e ampliar a aceitação da diversidade além de continuarmos a insistir em pesquisas como estas na formação de professores da Educação Infantil e Anos Iniciais para que se possa fortalecer as lutas e resistências diante de temas tão necessários à sociedade em geral, sendo a educação e a escola lugar privilegiado dessas reflexões, debates e construção de conhecimentos.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade; Educação Infantil; Práticas Inclusivas; Teoria Pós-Crítica; Educação e Direitos Humanos.

O pacto nacional na EJA: Uma análise da nova política pública do Ministério da Educação

Bruna Gabriela da Silva Holanda Mateus¹

Resumo: O presente resumo versa sobre os impactos do Pacto Nacional, proposto pelo Ministério da Educação (MEC) na Educação de Jovens e Adultos. Lançado em junho de 2024, o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos é uma Política Pública construída de forma colaborativa pelo Ministério da Educação com a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios. Dessa forma, objetiva-se compreender e analisar o discurso preconizado pelo pacto, identificar as convergências e divergências presentes na política educacional e avaliar as propostas de modo geral. Como subsídio teórico, utilizam-se Freire (1967), Haddad (2000), Di Pierro (2000), Soares (2002) e Beisiegel (2004) e como aporte metodológico, Ginzburg (1989) e Severino (2016). O MEC, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi), publicou a Resolução Nº 19/2024 em 10 de setembro de 2024. A normativa complementa a Portaria Nº 884, de 30 de agosto de 2024, que estabelece diretrizes para a gestão e execução de ações voltadas à alfabetização e formação continuada de estudantes em todo o Brasil. Em uma perspectiva educacional, o planejamento criado para o Pacto visa realizar a governança executiva da política. Logo, criou-se a Câmara Permanente de Alfabetização e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos (CAMPEJA), órgão responsável por coordenar, supervisionar e monitorar todas as ações do Pacto. Este, por sua

¹ bgdshm.ped21@uea.edu.br.

vez, tende a atuar na elaboração de diretrizes para a criação do plano de ação dos entes federativos, além de coordenar suas ações e orientar a estrutura de gestão e formação da política. Para a efetivação dos escritos, coordenadores pedagógicos e formadores regionais atuarão na formação de educadores até a coordenação de programas e estratégias de alfabetização e qualificação da EJA. A gestão do processo formativo será coordenada pela CAMPEJA e contará com o apoio administrativo da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua, 2023), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, em 2023, havia 9,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade não alfabetizadas. Isso equivale a uma taxa de não alfabetizados de 5,4%. Todavia, um dos objetivos idealizados como meios de intervenção e solução é desenvolver o Pacto em todas as unidades federativas e em todos os municípios brasileiros. A proposta emergiu da necessidade de superar o índice de pessoas que não lêem e escrevem convencionalmente, buscando elevar a escolaridade e ampliando a oferta de matrículas da Educação de Jovens e Adultos nos sistemas públicos de ensino. Analisando o leque de ideias proposto, é importante destacar que a macro política possui um histórico de tratar a modalidade como um percalço da educação. Como resultado, entende-se que fatores como este geram um investimento precário em âmbitos de formação de professores, transporte e alimentação adequados, atualização do currículo, segurança nas escolas, bem como em outras políticas. A dívida histórica que perpetua-se até os dias atuais, é um reflexo das desigualdades estruturais, da deslegitimação das políticas que seguem condicionamentos neoliberais. Paulo Freire explica que acreditar na libertação por meio da emancipação como única forma de tornar um povo livre,

porém, para a educação realizar essa prática da liberdade faz-se necessário pensá-la como uma ação com o povo e não simplesmente ofertada para o povo (FREIRE, 1967). Por fim, depreende-se que a constituição de uma política pública em formato de pacto e em nível nacional derivou-se de processos de luta pela democratização e acesso à educação, sendo um marco que tem potencial para a uma transformação histórica e, sobretudo, socioeducacional.

Palavras-chave: EJA; Pacto Nacional; Políticas Públicas; Ministério da Educação.

Referências

SILVA, Edmilson Galdino da Silva. Alunos do campo: Relações com a escola e as tecnologias. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/> ISSN: 2675-9144 <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/setembro/pacto-eja-mec-cria-camara-de-gestao-da-politica-e-oferta-bolsas>. Acesso em: 05 nov. 2024.

As relações entre educação inclusiva e Direitos Humanos

Andrews Matheus Fernandes Braga

Mateus de Lima Prata

Zila Reis de Oliveira

Resumo: A educação inclusiva é uma ferramenta essencial para promover a igualdade de direitos e fortalecer a cidadania. Ela conecta diretamente os princípios de Direitos Humanos à prática pedagógica, ao garantir acesso, permanência e aprendizado a todos os alunos, independentemente de suas condições ou necessidades. No Brasil, políticas públicas como a Constituição Federal de 1988, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) moldam a base jurídica para a inclusão (DA COSTA, 2023). Este trabalho analisa como a educação inclusiva se alinha à educação em direitos humanos e cidadania, buscando identificar como práticas pedagógicas podem contribuir para transformar a escola em um espaço de igualdade, diversidade e respeito. O objetivo geral deste estudo é analisar a relação entre a educação inclusiva e os princípios de direitos humanos e cidadania. Para isso, são estabelecidos os objetivos específicos: Discutir a importância da educação inclusiva como instrumento de garantia de direitos humanos; Investigar práticas pedagógicas que promovam inclusão e cidadania em contextos escolares; Identificar os desafios e as possibilidades para efetivar uma educação inclusiva e cidadã no Brasil. O estudo utilizou uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Utilizou-se artigos publicados entre 2020 a 2024 na base de dados Scielo com as palavras chaves “Educação Especial”, “Educação Inclusiva”, “Direitos Humanos” e “Cidadania”. Os estudos fora da temática, recorte temporal e que não sejam artigos científicos foram

excluídos. A educação inclusiva vai além da adaptação de currículos e materiais; ela está profundamente enraizada nos princípios de igualdade e respeito à diversidade. Ao promover o acesso à educação de qualidade para pessoas com necessidades educacionais especiais, as escolas contribuem para a construção da cidadania ativa e para a conscientização sobre os direitos humanos (BARBOSA; BEZERRA, 2021). No estudo de Valentim e Pereira (2020), jogos interativos para deficientes visuais e atividades em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para alunos surdos destacaram o potencial de metodologias inclusivas para fortalecer o aprendizado e a participação desses estudantes no ambiente escolar. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) emergiu como uma ferramenta essencial nesse processo, oferecendo suporte técnico e pedagógico para alunos com necessidades especiais (SANTOS et al., 2021). Entretanto, os desafios estruturais, como a falta de materiais adequados e formação docente, continuam a dificultar a efetividade da inclusão. Além disso, foi observado que a inclusão só será plenamente alcançada quando o trabalho colaborativo entre professores, gestores e famílias for consolidado. Em consonância com a Declaração de Salamanca, que defende sistemas educacionais inclusivos como pilares para o desenvolvimento humano, Franco e Gomes (2020) reforça que a educação inclusiva não beneficia apenas os alunos diretamente envolvidos, mas transforma a escola em um espaço democrático e igualitário. Constant, Melo e França (2021) enfatizam que, para Paulo Freire, educar é um ato político, e nesse contexto, a inclusão representa um movimento para garantir que todos tenham voz e participação na sociedade. A relação entre educação inclusiva e direitos humanos é indissociável. Ao proporcionar um ambiente que respeite as diferenças e promova o aprendizado universal, a educação inclusiva atua como um veículo para a cidadania. Contudo, os desafios persistem: a formação de professores, a

adaptação de currículos e a garantia de recursos acessíveis continuam sendo barreiras para a efetivação dessa prática. Para avançar nesse cenário, é necessário um compromisso mais sólido das políticas públicas, com investimentos em infraestrutura, formação docente e conscientização da comunidade escolar. Além disso, a inclusão deve ser vista como um compromisso coletivo que requer a participação ativa de todos os atores da sociedade. Assim, será possível construir uma educação justa, equitativa e que transforme os indivíduos em agentes de cidadania.

Palavras-chave: Educação especial; Direitos humanos; Cidadania.

Referências

BARBOSA, Ana Karla Gomes; BEZERRA, Tarcileide Maria Costa. Educação Inclusiva: reflexões sobre a escola e a formação docente. **Ensino em perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5871>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BRUZACA, Ruan Didier et al. Educação inclusiva como direito humano. **Cadernos UniFOA**, v. 19, n. 54, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://unifoa.emnuvens.com.br/cadernos/article/view/5056>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CONSTANT, Elaine; MELO, Sandra Cordeiro De; FRANÇA, Daiane. Paulo Freire, alfabetização e inclusão escolar: o direito à educação a partir da formação crítico e reflexiva. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 37, n. 3, p. 1393-1412, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2447-41932021000301393&script=sci_arttext. Acesso em: 23 nov. 2024.

DA COSTA, Valdelúcia Alves. Educação inclusiva, direitos humanos, formação docente e democratização da escola. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 10, n. 2, p. 159-172, 2023. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/>

dialogoseperspectivas/article/view/14548. Acesso em: 23 nov. 2024.

FRANCO, Renata Maria da Silva; GOMES, Claudia. Educação inclusiva para além da educação especial: uma revisão parcial das produções nacionais. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 113, p. 194-207, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862020000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 23 nov. 2024.

SANTOS, João Otacilio Libardoni dos et al. O atendimento educacional especializado para os educandos com autismo na rede municipal de Manaus-AM. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, p. 99-119, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/vJp3j4SQxWSkhXzt6WKz5nm/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

VALENTIM, Jefferson; PEREIRA, M. M. Jogos digitais educativos no ensino da libras. Anais IV CINTEDI, 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2020/TRABALHO_EV137_MD1_SA2_ID424_13032020182005.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

Intervenção pedagógica em contexto de vulnerabilidade social e formação docente com base na educação inclusiva e nos Direitos Humanos

Rodrigo Alves Cavalcante¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: Este relato aborda minha experiência no Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, em uma intervenção pedagógica com 40 dependentes químicos em reabilitação, em Iranduba/AM. Utilizamos metodologias participativas e artes integradas como ferramentas didáticas. O objetivo geral foi desenvolver atividades socioeducacionais junto aos dependentes químicos, pautadas nos princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos. Os objetivos específicos são: (a) compreender os fundamentos da educação inclusiva e dos direitos humanos, buscando vivenciá-los em espaços educativos não formais; (b) desenvolver atividades de leitura, escrita e artes visuais, mediadas pela literatura, pela música e pelo teatro; (c) refletir sobre as atividades desenvolvidas, analisando seu impacto no processo formativo e na profissão docente. A metodologia envolveu encontros formativos, reuniões de planejamento na Universidade e aplicação das atividades na instituição parceira. Os participantes foram 10 acadêmicos de Pedagogia, Matemática, Biologia, Teatro e Música. O tema “raiz” discutiu a relação homem e meio ambiente

¹ Acadêmico de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, voluntário do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). E-mail: rac.ped21@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

por meio de ações reflexivas, nas quais (nós), os acadêmicos, fomos facilitadores, promovendo interações e pesquisas. Cada grupo produziu artes integradas, como músicas, poemas, dramatizações, desenhos, pinturas e colagens com materiais recolhidos na área verde da instituição, sintetizando o aprendizado e as discussões do dia, por meio dessas expressões criativas. Analisando como as ações desenvolvidas na comunidade terapêutica impactam meu percurso formativo na Universidade e na profissão docente, destaco que acompanhei de perto a turma e, durante a intervenção, observei a participação ativa dos internos. A temática “raiz” promoveu discussões reflexivas sobre as relações propostas, ampliadas pela utilização das artes integradas, possibilitando a criação de sons, imagens e expressões corporais a partir do diálogo e interação dos internos com os acadêmicos, pois segundo Ana Mae (2012, p. 39), “somente a ação inteligente e empática de um professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como criador de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação”. A integração de metodologias foi um diferencial no alcance dos objetivos. O modelo “ler, fazer e contextualizar”, de Ana Mae Barbosa (2012), socializa práticas de forma acessível, enquanto os jogos de Viola Spolin (2012) incentivam a criatividade e interação. O “Teatro do Oprimido” (Boal, 2005) criou um espaço seguro para expressar dificuldades e explorar transformações. Apesar de desafios como tempo limitado e níveis variados de habilidades, a equipe multiprofissional e a flexibilidade dos acadêmicos permitiram superar barreiras de forma colaborativa e artística. A combinação favoreceu o aprendizado, a integração e a expressão pessoal dos participantes. Em meu professorar, essa significativa experiência de formação integrou teoria e prática em um contexto de vulnerabilidade social. A vivência destacou a importância de uma abordagem humanista e interdisciplinar na educação.

Também fomentou a reflexão crítica sobre os desafios da inclusão social e a necessidade de ações pedagógicas que promovam autonomia e protagonismo dos educandos, o que Paulo Freire (2018, p. 25) destaca: “uma educação humanizada é o caminho pelo qual homens e mulheres podem se tornar conscientes da sua presença no mundo. A maneira como atuam e pensam quando desenvolvem todas as suas capacidades, tomando em consideração as suas necessidades, mas também as necessidades e aspirações dos outros”... Portanto, as atividades reforçaram os princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos, promovendo a valorização da singularidade e o fortalecimento da identidade dos participantes, destacando a importância de considerar os dependentes químicos como agentes ativos no processo educativo, e reafirmando o papel da educação em espaços não formais como ferramenta de transformação social e educacional. A intervenção pedagógica realizada pela Escola de Egressos foi uma experiência enriquecedora e desafiadora, demonstrando em seu processo formativo e prático que a integração de artes, literatura e metodologias participativas pode ser um meio poderoso de promover reflexão, transformação e inclusão. Essa vivência não apenas contribui para o processo de reabilitação dos dependentes químicos, mas auxilia a formação de acadêmicos mais conscientes, críticos e sensíveis às demandas de uma sociedade plural e desigual.

Palavras-chave: Formação docente; Educação Inclusiva; Direitos Humanos; Vulnerabilidade Social.

Referências

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7 ed. São Paulo/SP: Cortez, 2012.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

O método positivista e a didática militar

Vitória Mary Guilherme do Nascimento¹

Yezza Camilly Belém Ribeiro²

Ana Clara Mendes da Costa³

Débora Zózimo de Mendonça⁴

Esther Jasmim Alves Canto⁵

Resumo: O positivismo, filosofia criada por Auguste Comte no século XIX, propõe que a ciência é a única fonte legítima de conhecimento e defende que o progresso social é alcançado através da ordem e do conhecimento científico. Essa filosofia teve impacto em diversos países, incluindo o Brasil, especialmente durante a transição do Império para a República. No contexto brasileiro, o positivismo foi crucial na formação da nova estrutura política e social, influenciando os ideais republicanos e o Exército, que via nessa filosofia um caminho para a estabilidade e o progresso. Este estudo tem como objetivo analisar a influência do positivismo no Brasil, como a relação entre os ideais positivistas e o processo de Proclamação da República em 1889. Também o papel de figuras como Miguel Lemos, Benjamin Constant e Teixeira Mendes na disseminação do positivismo. Além de analisar a influência do lema “Ordem e Progresso” na formação do pensamento

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: vmgdn.ped24@uea.edu.br.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: ycbr.ped24@uea.edu.br.

³ Aluna do Curso regular de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior/UEA. Email: acmdc.ped24@uea.edu.br.

⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: dzdme.ped24@uea.edu.br.

⁵ Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior/UEA. E-mail: ejaca.ped24@uea.edu.br.

republicano. Por último, apresentar as contribuições do positivismo para projetos de modernização do país, incluindo educação, urbanização e industrialização. A pesquisa foi baseada em uma revisão bibliográfica sobre o positivismo e sua relação com o Brasil, utilizando livros, artigos acadêmicos e documentos históricos. Foram analisados textos de Auguste Comte e de pensadores brasileiros como Miguel Lemos, além de estudos sobre o contexto político e social da transição do Império para a República. A pesquisa incluiu uma análise crítica do impacto das ideias positivistas em projetos republicanos e na construção da identidade nacional brasileira. Os resultados desta análise apontam que o positivismo teve uma influência significativa na estruturação da República no Brasil. Os principais pontos discutidos foram: 1) A Proclamação da República: a filosofia positivista orientou os militares republicanos, que viam na ciência e na razão os fundamentos para a criação de uma nova ordem política; 2) O lema “Ordem e Progresso”, inspirado por Comte, simboliza esses ideais; 3) Miguel Lemos e a Sociedade Brasileira Positivista: a fundação da Sociedade Brasileira Positivista e da Igreja Positivista do Brasil por Miguel Lemos representou um esforço para adaptar os ideais científicos e morais de Comte à realidade brasileira, contribuindo para o avanço do movimento republicano e a abolição da escravatura; 4) Educação e Modernização: O positivismo influenciou reformas educacionais que visavam preparar os cidadãos para uma sociedade guiada pela razão e pela ciência. Também incentivou o desenvolvimento industrial e a criação de políticas trabalhistas, como a proteção dos direitos dos trabalhadores e dos indígenas; 5) Divisões Internas: O movimento positivista no Brasil não foi homogêneo. Enquanto a vertente ortodoxa priorizava o cientificismo e a separação entre Igreja e Estado, a vertente não ortodoxa defendia uma abordagem religiosa e moral para fortalecer a ordem social. A filosofia positivista

desempenhou um papel crucial na transição do Brasil do Império para a República, influenciando decisões políticas, reformas sociais e a identidade nacional. O lema “Ordem e Progresso” sintetiza os ideais positivistas que moldaram as bases da nova República. Embora seu impacto tenha diminuído com o tempo, o positivismo deixou um legado duradouro em áreas como educação e desenvolvimento industrial, além de estabelecer um paradigma para a relação entre ciência e progresso social no país.

Palavras-chave: Positivismo; Educação; Brasil; Empirismo.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva.** Paris: Bachelier, 1830-1842.

LEMOS, Miguel. **A República e o Positivismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira Positivista, 1881.

ROCHA, João Carlos. A Influência do Positivismo na Formação da República Brasileira. **Revista de História Brasileira**, vol. 12, n. 2, 1999.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil: Império e República.** São Paulo: Melhoramentos, 1968.

Aprendendo com uma filha de santo: pedagogias e saberes da experiência no terreiro

Antônio Lago da Silva Júnior

Adan Renê Pereira da Silva

Resumo: 1. **Introdução.** O racismo religioso permanece uma chaga aberta no Brasil (Nogueira, 2021). Vilipêndios aos locais de culto afro-religiosos, violências físicas, verbais, simbólicas e psicológicas seguem como uma realidade no país. Um possível mecanismo de mudança desta realidade seria uma educação antirracista, implementando, de fato, a Lei 10.639/2003, que segue sem ser cumprida em 71% dos municípios, segundo pesquisa Geledés e Instituto Alana (2023). Insistindo em conhecer e vivenciar os saberes oriundos das culturas afrodiáspóricas, a pesquisa compartilha resultados de um estudo de caso com uma filha do terreiro Ylê Asé Obá Amacú, situado na cidade de Manaus-AM. Pessoalmente, a pesquisa se motiva por ser uma forma de combate ao racismo religioso que afeta diretamente os pesquisadores. Socialmente, entende-se que o trabalho contribui para diminuir a ignorância que termina por ser um elemento-chave na construção do preconceito. Cientificamente, a pesquisa contribui para visibilizar o tema em Manaus, que segue no imaginário coletivo como uma terra que não possui população negra expressiva, impactando, o modo como as pessoas respondem e (in)viabilizam à/a religião (Sampaio, 2011). Trata-se de resultado parcial de uma pesquisa de iniciação científica, com bolsa da Universidade Federal do Amazonas. 2. **Objetivo:** compreender os aspectos concernentes às pedagogias de terreiro de uma comunidade tradicional do Candomblé, localizado na capital amazonense. 3. **Metodologia:** Os dados, embasados nos pressupostos da pesquisa qualitativa e

selecionados por amostra proposital, na modalidade estudo de caso, foram obtidos por intermédio de entrevista semiestruturada junto a uma praticante, no ano de 2024. 4. **Resultados e discussões:** Os resultados apontam para o terreiro como um local de acolhimento, que ensina uma pedagogia da fraternidade, por meio dos laços sociais estabelecidos na comunidade religiosa, na partilha de tarefas, responsabilidades e implicações na construção da cultura local, unindo as pessoas por uma noção de bem viver: acima de tudo, a doxina de Oxóssi entrevistada coloca a disciplina e o amor como eixos da pedagogia do terreiro. A entrevistada entende a disciplina como algo que garante reciprocidade – você se doa para as pessoas e elas se doam em troca para você. Sobre o amor, ele é lido na lógica comunitária, de aceitação dos membros como eles são – não se julga ninguém por orientação sexual, gênero ou demais características que, em religiões de base judaico-cristã costumam ser interpretadas na lógica do pecado, do “errado”, que deve ser evitado a todo custo, sob pena de condenação eterna. O terreiro é visto como um espaço que faz a entrevistada “melhor e que [a faz] querer ser melhor” para si e para os outros. Não obstante, o preconceito é uma vivência que importa (Nogueira, 2021). A filha de santo conta que evita comentar sua religião no trabalho, que sofreu com julgamentos de pessoas que a denominavam de “macumbeira” em tom pejorativo. Por isso, foi aconselhada pelos pais biológicos a não comentar com outras pessoas sobre a própria religião. Isto traz implicações psicológicas, uma vez que agora se vive uma pedagogia contrária a que é experienciada no terreiro: uma pedagogia do armário. **Conclusões:** Assim, conclui-se pela necessidade de visibilizar os saberes destas pedagogias no ensino formal e/ou não formal, de combater o racismo estrutural e religioso (Sampaio, 2011), de modo a obter o cumprimento dos preceitos legais e pela desestabilização de séculos de colonização, racismo estrutural e a lógica capitalista que

valoriza um ensino bancário focado na ideologia neoliberal, recortado no sujeito e na competitividade, retroalimentando uma ética “meritocrática” que não se sustenta na realidade brasileira, assentada na desigualdade e carente de políticas públicas que ajudem a mudar a realidade aqui (re)lembrada. O trabalho apresentado capta as pedagogias do terreiro como uma ética que pode ser levada para o ambiente escolar de modo a fortalecer um ensino pautado no reconhecimento da diversidade religiosa, como algo positivo, ensinando ideais de respeito, alteridade, multiculturalidade, por meio da valorização dos próprios seguidores das religiões afro-brasileiras. Como pontos fortes da pesquisa estão o aprofundamento em um caso e a possibilidade de interpelar mais detidamente o sujeito alvo da investigação, contudo, enquanto limitações, estão a impossibilidade de generalizações e o foco em uma comunidade tradicional de terreiro. Por isso, sugerem-se novas pesquisas sobre o tema, com mais casos em um recorte qualitativo e pesquisas outras com foco quantitativo no tema das pedagogias de terreiro.

Palavras-chave: Racismo religioso; Pedagogias de Terreiro; Lei 10.639/2003.

Referências

Lei 10.639 sobre ensino de história e cultura afro-brasileira não é cumprida em 71% dos institutos brasileiros, aponta pesquisa. **INSTITUTO ALANA**. [S.l.] 18 abr. 2023. Disponível em: <https://alana.org.br/lei-10639-ensino/>. Acesso em: 12/11/2024.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2021. Coleção Feminismos Plurais.

SAMPAIO, Patrícia. **Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Açaí, 2011.

Um olhar sobre a abordagem educacional de R. Emília na Educação Infantil

Vitória Oliveira Miranda¹

Kelly Christiane Silva de Souza²

Resumo: A abordagem italiana de Reggio Emília, que surgiu na cidade de Reggio Emília e tem como precursor Loris Malaguzzi, nos leva a despertar um olhar diferenciado para as especificidades presentes nas salas de referência, evidenciando cada contexto da criança, sendo social e afins. À vista disso, é possível formular novas concepções pedagógicas, em relação à abordagem pedagógica de Reggio Emília, propiciando o surgimento de novos parâmetros na educação infantil. O reconhecimento das particularidades da educação infantil, de forma que tenha a devida atenção durante a construção do conhecimento, exige uma mediação por parte do docente, que reflita a ressignificação. O processo de documentação tende a registrar as experiências vividas pelas crianças e traz a reflexão, do modo que isso integra o currículo escolar, o que tende a demonstrar também a valorização dos direitos da criança. A importância de uma ambientação na sala de referência, em que se constitui uma saga de cores, como também outros elementos, por exemplo, atividades realizadas ao longo do ano com as crianças, a fim de que possa proporcionar novas experiências, contribui para uma aprendizagem com significância. Nessa perspectiva, adotar práticas pedagógicas que abranjam

¹ Graduanda do 9º período do curso regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA); pesquisadora bolsista pela FAPEAM e membro da Liga Acadêmica de Políticas Públicas da Escola Normal Superior. E-mail: vom.ped21@uea.edu.br.

² Doutora em Educação, professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: kcsouza@uea.edu.br.

todas as infâncias em seus aspectos se torna elementar. As inferências iniciais evidenciam a importância de um olhar atento e enfatizam o caráter deste trabalho. Além disso, compreender essa abordagem, em diálogo com a educação infantil, se torna imprescindível, ao longo do processo de construção. Esse movimento faz-se necessário ser constante, visto que há essa necessidade nas escolas de educação infantil. Ao reconhecer a criança como sendo experiente por possuir uma leitura de mundo diferente da nossa, impulsiona o protagonismo infantil de tal forma, que possibilita a abertura para a descoberta, o que gera fortalecimento no conhecimento. Sob essa ótica, cabe salientar a importância de escolher os mecanismos que auxiliem na mediação, ao propor a sala invertida em que consiste na criança ser o centro, é um exercício de pesquisa, somado a isso, a criança realizar as atividades propostas, utilizando suas diversas linguagens, bem como, externalizando suas vivências, a torna uma pesquisadora, uma vez que valoriza as peculiaridades desta criança. Na formação docente, é necessário perceber o quanto temos que continuar se aperfeiçoando em nossas práticas pedagógicas, e, buscar construir laços afetivos com toda a comunidade escolar, isto é, fazer com que seja visibilizada a pedagogia humanizada, com as crianças, professores, pais e/ou responsáveis e afins. Ao se tratar da construção do projeto político pedagógico, que urge ser um processo contínuo na escola, visando um currículo flexível, e, democrático, é necessário o engajamento de todos. A abordagem desta pesquisa foi de paradigma qualitativo, em que a imaginação e a criatividade levam a propor novos enfoques, nesse movimento de olhar a educação infantil por outras óticas. A pesquisa foi de caráter revisão de literatura, através da revisão sistemática na literatura publicada entre 2018 e 2022. O período de busca foi realizado nas bases de dados Scielo Brasil, Capes e Google Acadêmico durante o período de outubro de 2023 a julho de 2024.

Os resultados desta pesquisa, procedem de minha participação no Programa de um Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade do Estado do Amazonas, como bolsista PIBIC 2023-2024. Por meio deste projeto e seu posterior desdobramento com foco na formação docente dos professores de educação infantil, busca-se ampliar as discussões acerca do olhar sensível, a criança sendo pesquisadora, a escuta ser além de uma escuta, assim como a pedagogia da ressignificação e o protagonismo mútuo entre a criança junto ao professor ao trocar experiências continuamente, paralelamente a isso, corrobora para a construção de um currículo mais flexível, abrangente, e, democrático, em que a família possui papel importante na vida escolar da criança, como também, junto à comunidade escolar. Realizou-se, a elaboração e publicação de um artigo, e, atualmente, realiza-se um aprofundamento dessa pesquisa, para fins de outra publicação de artigo e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Palavras-chave: Abordagem Reggio Emilia; Educação Infantil; Protagonismo Infantil.

Referências

- ESPÍRITO SANTO, Caroline; LIMA-BERTON, Tatiane. **Pedagogia de Reggio Emília: A Criança como Pesquisadora**. Editora Científica Digital. Educação: Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura. 2021.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 20 Jun. 2024.
- MATOS, Ana Luísa Carvalho De. **Abordagens Pedagógicas Reggio Emília e Montessori: Interseções, Singularidades e Visões**

sobre o Desenvolvimento da Criança. 2021. 72 f. Monografia
(Graduação - Pedagogia) - Universidade de Brasília, 2021.

INCLUSÃO SOCIAL

A Matemática em perspectiva nos espaços não formais: relato de um projeto de extensão

Gabriela Souza Pereira¹
Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: O relato expõe sobre minha participação e percepção quanto às ações socioeducacionais desenvolvidas pelo Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, junto a 40 dependentes químicos em reabilitação em uma instituição no município de Iranduba/Am. O objetivo geral foi desenvolver atividades socioeducacionais junto aos dependentes químicos, pautadas nos princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos. Os objetivos específicos foram: (a) Aplicar em espaços educativos não formais os fundamentos teóricos estudados; (b) Desenvolver atividades de revisão e estudo de Matemática, por meio de material didático dinâmico e interativo; (c) Refletir sobre o impacto das atividades desenvolvidas na vida acadêmica e futura prática docente. 1ª Etapa - Universidade: encontros formativos, por meio de palestras, oficinas, minicursos, reuniões de planejamento para o estudo e discussão das temáticas inerentes ao projeto, ministrados pela coordenadora ou pelos professores convidados. 2a Etapa - Instituição de Reabilitação: os internos foram organizados em turmas com, no máximo, 15 alunos. Nós, acadêmicos, formamos equipes para orientar os alunos nas atividades propostas: leitura de

¹ Acadêmica de Licenciatura em Matemática, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, bolsista do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: gsp.mat24@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

poemas, ensaio de músicas já conhecidas pelos alunos, organização de dança a partir de tema da educação ambiental sobre a relação homem e meio ambiente. Cada interno pôde escolher sua turma, de acordo com as circunstâncias, pois na perspectiva da educação inclusiva, todos podem interagir, independentemente de ter ou não escolaridade. Quem não sabe ler nem escrever, participa cantando, desenhando, dançando e contando sua história de vida. Considerando que as atividades não têm caráter de escolarização, mas socioeducacional, os temas escolhidos para as aulas apresentam-se como eixos articuladores das discussões, produções individuais e coletivas. Buscando motivá-los a retornar ou ingressar na escola após a internação. A educação é um direito de todos, independentemente das adversidades que enfrentam. Essa inclusão é essencial, pois proporciona oportunidades de aprendizado e crescimento que podem mudar o curso da vida de uma pessoa. Como discente do Curso de Licenciatura em Matemática, o projeto não apenas enriqueceu o lado profissional, mas ampliou minha visão sobre o papel do educador na sociedade. Pude perceber a importância de desenvolver metodologias didáticas que sejam sensíveis à realidade dos alunos. A Matemática, muitas vezes vista como uma disciplina rígida e distante da realidade dos alunos, pode ser ensinada de forma prática e contextualizada, conectando conceitos abstratos ao cotidiano dos dependentes químicos em reabilitação. O impacto positivo dessa ação vai além do aprendizado escolar, ela promove um fortalecimento da autoestima e da confiança dos participantes. Essa ideia é reforçada por D'Ámbrósio (2005, p. 102) ao afirmar que “[...]entendo a matemática como uma estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo de sua história para explicar, para entender, para manejar e conviver com a realidade sensível, perceptível, e com o seu imaginário, naturalmente dentro de um contexto natural e cultural”. Quando dependentes químicos em

reabilitação percebem que são capazes de aprender e se desenvolver, isso gera um efeito cascata que influencia suas interações sociais e familiares. A educação torna-se um meio de transformação pessoal e comunitária. Nessa experiência inicial, participamos como apoio aos professores de literatura, teatro e dança, visando compreender melhor a dinâmica do trabalho. A partir disso, estamos reunindo e planejando a primeira atividade específica que será sobre “sólidos geométricos” e “frações”, utilizando materiais concretos para atividades individuais e coletivas. Assim, nosso segundo objetivo específico será alcançado em outro momento. O nervosismo e a insegurança ainda nos cercam, mas a vontade de aprender e participar dessas ações tem sido maior.

Palavras-chave: Ensino da Matemática; Formação Docente; Educação Inclusiva.

Referências

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>.

Acesso em: 12 nov. 2024.

DAMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000100008. Acesso em 12 nov. 2024.

A Matemática inclusiva: ensino mais contextualizado e menos disciplinar

Beatriz de Cássia Crispim Veras¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: O relato expõe sobre um trabalho pedagógico coletivo desenvolvido pelo Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, junto a 40 dependentes químicos em processo de reabilitação em uma comunidade terapêutica no município de Iranduba/Am. O objetivo geral foi desenvolver atividades socioeducacionais junto aos dependentes químicos, pautadas nos princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos. Os objetivos específicos visaram: (a) Compreender os fundamentos da educação inclusiva e dos direitos humanos, buscando vivenciá-los em espaços educativos não formais; (b) Desenvolver atividades de revisão e estudo de matemática, por meio de material didático dinâmico e interativo; (c) Refletir sobre as atividades desenvolvidas, analisando seu impacto no nosso percurso formativo na universidade e futura atuação profissional. A metodologia envolveu encontros formativos para o estudo e discussão das temáticas inerentes ao projeto, por meio de palestras, oficinas e minicursos, ministrados pela coordenadora ou pelos professores convidados; reuniões de planejamento: definição dos objetos do conhecimento matemático, planos de aula e material didático. A atividade objeto deste relato

¹ Acadêmica de Licenciatura em Matemática, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, bolsista do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: bdccv.mat22@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

ocorreu em um sábado, o dia inteiro. Os internos se dividiram, formando três turmas. Do mesmo modo, nos organizamos em três equipes para coordenar as atividades. O foco das ações é sempre a interação, a mobilização e a participação efetiva dos internos. Priorizamos a leitura em diferentes dimensões: textos, imagens, objetos, o espaço físico e cenas do contexto na instituição ou fora dela. A expressão oral também é valorizada, pois a experiência com a Matemática ultrapassa os muros escolares e pode ser socializada por todos. Na perspectiva inclusiva utilizamos jogos, resolução colaborativa de problemas, recursos audiovisuais e manipulativos. Tivemos na turma 10 internos, jovens e adultos, do sexo masculino, na faixa-etária de 18 a 60 anos, com e sem escolaridade mínima. O tema deste dia foi “sólidos geométricos” e objetivou compreender, por meio da aplicação, os conceitos de faces, vértices e arestas. Com palitos, elásticos, papel e caneta, os alunos construíram os sólidos geométricos que serviram não somente para demonstrar os conceitos, mas para discutir como se deu o processo de construção coletiva dos materiais e a aplicação da Matemática no cotidiano. Vivenciar saberes com jovens e adultos tem sido um desafio para mim como professora de Matemática. A educação inclusiva para esses dependentes químicos representa a garantia dos direitos de todos, pois muito se fala em educar para transformar, mas pouco se sabe sobre a didática por trás do processo de aprendizagem. Diferente da matemática escolar, a matemática na abordagem socioeducacional pretende apoiá-los na ressocialização, após a internação, e na motivação, tanto para o retorno quanto para o ingresso na escola. É uma oportunidade de refletir com eles sobre a retomada de seu papel no mundo do trabalho com dignidade. A educação matemática em si é algo de pouco interesse para o público externo à comunidade acadêmica, porém desenvolver interesse a quem já teve contato com a área é algo fundamental para o desenvolvimento dela, pois a matemática é aplicada diariamente

no cotidiano de qualquer pessoa de forma implícita, mesmo que ela saiba somente o mínimo. D'Ambrosio (1986, p. 36) atribui à Matemática “o caráter de uma atividade inerente ao ser humano, praticada com plena espontaneidade, resultante de seu ambiente sociocultural e conseqüentemente determinada pela realidade material na qual o indivíduo está inserido”. Freire (2011) destaca que, no processo educativo, tanto professores quanto alunos se transformam, aprendendo simultaneamente enquanto ensinam, com o reconhecimento dos contextos e histórias de vida, enriquecendo o diálogo e promovendo a emancipação. Considerando que esse texto resulta das reflexões sobre meu processo formativo na universidade, relacionando as experiências relatadas com a perspectiva de atuação profissional, ressalto que a ansiedade e a insegurança inicial têm sido substituídas pelo desejo de estudar e aperfeiçoar conhecimentos nessa área. Valorizando essa oportunidade de testar a teoria em espaços não formais de vulnerabilidade social. Certamente que ainda há muito para ser aprendido e compreendido, principalmente sobre o que é necessário para a formação e atuação docente em direção à transformação social.

Palavras-chave: Ensino da Matemática; Formação Docente; Educação Inclusiva.

Referências

- D'AMBROSIO, Ubiratan. Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática. São Paulo, **SUMMUS**, UNICAMP, 1986. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2045>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

Metodologias ativas como estratégia para o ensino da Cartografia escolar em escolas do campo

Andrea Barros de Oliveira¹

Amanda Alves Azevedo²

Danielle Mariam Araújo dos Santos³

Resumo: Neste trabalho apresenta-se o delineamento teórico metodológico e os resultados obtidos durante o estudo sobre a aplicação da Cartografia escolar e os desafios enfrentados pelos docentes no que tange à sua aplicação, em escolas localizadas em áreas rurais da cidade de Manaus, conhecidas como escolas do campo, especificamente em sua área metropolitana, onde se localiza o município de Iranduba e, nele, a Escola Municipal Procópio Maranhão. A pesquisa foi desenvolvida por parte de bolsistas do Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Extensão Universitária – PADEX/PROEX/UEA e alunos do curso de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior/ENS, Universidade do Estado do Amazonas/UEA, tratando-se de uma investigação realizada no decorrer do primeiro ano de desenvolvimento do Programa de Extensão LABVIVO: Geotecnologias da Universidade à Escola, com o Projeto LABVIVO no fortalecimento do ensino de cartografia, tendo como objetivo principal o de utilizar metodologias ativas que auxiliassem na

¹ Estudante do curso de licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, bolsista pesquisador PADEX/UEA. E-mail: abdo.geo21@uea.edu.br.

² Estudante do curso de licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, bolsista pesquisador PADEX/UEA. E-mail: aaa.geo20@uea.edu.br.

³ Professora Dra. do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dmsantos@uea.edu.br.

compreensão de conteúdos relacionados ao ensino de Cartografia Escolar. Para a execução da pesquisa foram empregados procedimentos de revisão bibliográfica, bem como entrevistas com a gestora e professores, conforme as abordagens qualitativas da pesquisa educacional, dentro de uma perspectiva histórico-cultural da educação escolar do campo. As atividades se constituíram em cinco etapas, onde, no primeiro momento, ocorreram reuniões com a coordenadora do projeto que forneceu conteúdos e metodologias ativas de base para que pudesse desenvolver recursos didáticos aplicáveis às escolas do campo; no segundo momento, deu-se o levantamento bibliográfico sobre o tema, para que houvesse uma base norteadora para as atividades que seriam aplicadas; em seguida, realizou-se a visita na escola para a aplicação dos questionários para, a partir das informações levantadas, desenvolver recursos didático-pedagógicos para que os professores da escola pudessem aplicar nas aulas sobre cartografia; por fim; aplicou-se uma oficina para apresentação das metodologias ativas desenvolvidas por parte dos alunos bolsistas. É notório que o sistema de ensino atual exibe um padrão obsoleto, no qual os alunos desempenham um papel predominantemente passivo, eles são vistos como receptáculos das informações que lhes são transmitidas de forma repetitiva pelos professores, dia após dia, esse formato tradicional se caracteriza pela aplicação frequente de avaliações e trabalhos, o que acaba contribuindo para tornar as aulas excessivamente tediosas e com uma participação limitada dos alunos. A partir disso, buscando uma educação participativa, onde os alunos se tornem protagonistas do seu processo de aprendizagem, sejam capazes de pensar lógica e criticamente, interajam entre si, tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes, aumentando, dessa forma, a capacidade de apreensão dos conteúdos é que as metodologias ativas vêm se tornando cada vez mais um instrumento facilitador da

aprendizagem, para o professor utilizar em sala de aula. Uma metodologia ativa que tem se mostrado bastante eficaz é a utilização de jogos educativos, que podem ser aplicados para trabalhar habilidades específicas como leitura de mapas, localização geográfica e simbologia cartográfica, os jogos facilitam a retenção do conteúdo e permitem que os alunos aprendam de forma confortável e divertida. Em suma, aplicar uma metodologia ativa à educação cartográfica é uma oportunidade de criar um ambiente estimulante de aprendizagem em que o aluno seja o protagonista do processo, as atividades lúdicas e práticas promovem o aprendizado e o trabalho em equipe, desenvolvendo aptidões sociais e resolução de problemas, conseqüentemente, é importante incorporar essas técnicas ao ensino de cartografia para que as aulas sejam práticas e interessantes para os alunos. Diante desse contexto, o presente trabalho apresentou que as metodologias ativas podem ser aplicadas no ensino da Cartografia, buscando colaborar com os educadores na ampliação de suas habilidades pedagógicas e na melhoria da qualidade da educação, dessa forma, acredita-se que o uso de metodologias ativas pode contribuir para tornar as aulas de Cartografia dinâmicas, interativas e efetivas, promovendo uma aprendizagem mais significativa e prazerosa para os alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Aprendizagem Ativa; Jogos Cartográficos.

A inclusão de pessoas 50+ a partir de um laboratório de letramento digital

Jamily Eyd Almeida Nunes
Silvia Luiza Jacintho Esteves

Resumo: O envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida colocam em evidência a necessidade de discutir o etarismo, preconceito que impacta negativamente a autoestima, a inclusão social e as oportunidades de pessoas com 50 anos ou mais. O etarismo, conhecido como ageísmo ou idadeísmo, é um termo cunhado por Robert Butler (1980), originário da palavra em inglês age (idade) e refere-se à discriminação e aos estereótipos negativos direcionados às pessoas em função de sua idade. No Brasil, as mudanças demográficas, como a redução das taxas de fecundidade e o aumento da longevidade, evidenciam a importância da inclusão digital da população 50+, que não pode ser negligenciada. O preconceito etário é refletido na linguagem, na marginalização profissional e na exclusão educacional e digital, consolidando estereótipos que associam a velhice à fragilidade e à incapacidade. Este estudo, realizado no contexto do projeto de extensão "50+ Modernos: Laboratório de Letramento Digital", busca compreender como essas barreiras afetam os indivíduos e como a inclusão digital pode desconstruir tais estigmas. O objetivo da pesquisa é analisar o impacto do etarismo na vida de pessoas com 50 anos ou mais. Além disso, pretende-se identificar como o preconceito etário se manifesta em diferentes contextos, como na educação, trabalho e tecnologia, e explorar de que forma iniciativas de inclusão e letramento digital podem promover a autonomia, a valorização e a participação ativa dessa população na sociedade. Esta pesquisa possui o caráter qualitativo e foi desenvolvida a

partir da análise de dados coletados através de entrevistas via Google Forms com cursistas do projeto de extensão “50+modernos: Laboratório de Letramento Digital”. O curso ofereceu aulas práticas que tinham como objetivo fomentar o acesso e inserção do público 50+ às ferramentas e mídias digitais, os encontros ocorreram durante o mês de abril de 2024 na Escola Normal Superior (ENS), Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A observação direta e a coleta de dados qualitativos permitem ao pesquisador compreender mais profundamente as experiências dos sujeitos (André, 1986, p. 26 apud Carvalho, 2010). A escuta sensível durante os encontros foi essencial para a construção dessa pesquisa. Afinal, todo trabalho de coleta de informação, deve observar que “[...] a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos [...]” (Minayo, 2008, p. 204 apud Guerra, 2014, p.17) e, por isso mesmo, é tão rica e reveladora. Todos os participantes tiveram seus nomes protegidos por critérios éticos. Os resultados mostram que os participantes possuem percepções variadas sobre o envelhecimento, com predomínio de visões positivas, associando a velhice à sabedoria, felicidade e privilégio. Entretanto, relataram experiências de etarismo em diversos contextos, como exclusão no mercado de trabalho, discriminação em ambientes educacionais e casos de autoetarismo. Para Levy (2003), quando as pessoas envelhecem, os estereótipos sobre o envelhecimento que foram internalizados desde a infância e continuamente reforçados ao longo da vida começam a ser vistos como verdades pessoais e se transformam em auto estereótipos (apud Soares, 2023, p. 150) afetando, por exemplo sua capacidade de aprender, trabalhar etc. A exclusão digital emergiu como uma barreira relevante, com 12 dos 13 que responderam ao questionário “Você já se sentiu excluído digitalmente? relatando dificuldades em utilizar tecnologias como QR code, Pix e ferramentas de videochamadas.

Esse aspecto é agravado pela falta de paciência e suporte por parte de pessoas mais jovens, evidenciando um descompasso geracional. Apesar disso, os participantes valorizam a independência, o autocuidado e a liberdade de fazer escolhas. O projeto "50+ Modernos" se mostrou eficiente em proporcionar conhecimento tecnológico e estimular a confiança, contribuindo para a superação dessas dificuldades. O estudo conclui que o etarismo é uma barreira significativa para a inclusão social e a autoestima de pessoas com 50 anos ou mais, impactando diversas áreas de suas vidas. Projetos como o "50+ Modernos" demonstraram ser ferramentas eficazes para combater o preconceito etário e promover a inclusão digital, permitindo que os idosos desenvolvam novas habilidades, aumentem sua autonomia e participem ativamente da sociedade. O envelhecimento deve ser visto como uma fase de oportunidades, e não de limitações, desde que haja acesso às ferramentas necessárias para garantir uma convivência justa e igualitária entre gerações.

Palavras-chave: Etarismo; Projeto de Extensão; Inclusão; 50+.

Referências

- BUTLER, R. N. Ageism: a foreword. **Journal of Social Issues**, v. 36, p. 8-11, 1980. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x>. Acesso em: 18 set. 2024.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em salas de aula**: a pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284816913_Uma_metodologia_de_pesquisa_para_estudar_os_processos_de_ensino_e_aprendizagem_em_salas_de_aula. Acesso em: 19 set. 2024

GUERRA, Elaine Linhares Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Anima Educação, 2014. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

SOARES, Neiva Maria Machado. Discurso 50+. **ContraCorrente**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, [S.l.], n. 20, p. 128-157, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/artic/view/3303>. Acesso em: 18 set. 2024.

As metodologias ativas no ensino da Geografia: os recursos didáticos como auxílio no ensino da cartografia frente aos contextos das escolas rurais do município de Iranduba-Am

Amanda Alves Azevedo¹

Andrea Barros de Oliveira²

Danielle Mariam Araújo dos Santos³

Flávio Wachholz⁴

Resumo: Esta pesquisa foi realizada por estudantes de Licenciatura em Geografia, através do Programa de Extensão/PADEX, Universidade do Estado do Amazonas/UEA com o objetivo de indagar o contexto do ensino da cartografia nas aulas de Geografia nas escolas rurais do município de Iranduba/AM, de modo que possamos entender como a sua gestão está ligada às comunidades locais e como ela reflete na questão identitária dos alunos. Uma vez que se objetiva conhecer os desafios enfrentados pela gestão dessas escolas, e o trabalho do corpo docente em uma escola do campo, os quais se devem aos contextos locais, estrutura física ofertada aos alunos dentre outros. Para isso, 1- Analisou-se o ambiente escolar e em suas múltiplas dimensões. 2 - Assim como buscou-se compartilhar novas estratégias a fim de incentivar o uso de

¹ Estudante do curso de licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, bolsista pesquisador PADEX/UEA. E-mail: aaa.geo20@uea.edu.br.

² Estudante do curso de licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, bolsista pesquisador PADEX/UEA. E-mail: abdo.geo21@uea.edu.br.

³ Professora Dra. do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dmsantos@uea.edu.br.

⁴ Prof. Associado do curso de licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas, coordenador geral do projeto PADEX/UEA. E-mail fwachholz@uea.edu.br.

materiais e espaços não convencionais. 3 - Por conseguinte, despertar o ensino da cartografia interativa, a fim de integrar os alunos para além de uma sala de aula comum, explorando as múltiplas dependências da escola, assim como muitos materiais que podem servir como aporte metodológico. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizado como método de análise o estudo fenomenológico, e uma abordagem qualitativa. Os procedimentos de estudo realizados nesta análise foram revisão bibliográfica, cujas consultas foram feitas em artigos, livros, revistas, e contou com uma entrevista semiestruturada aos docentes do colégio, e um questionário com os gestores da escola, a fim de compreender a disponibilidade de recursos, a estrutura e dependências da escola, suas percepções acerca das suas experiências como educador e seu ponto de vista acerca do desempenhos dos alunos. A fim de contribuir com a metodologia e recursos para as aulas, foi realizada uma oficina, com a finalidade de compartilhar experiências e a produção de materiais didáticos com elaboração dos alunos da universidade, os quais exploraram suas utilidades como aporte metodológico. A entrevista ajudou a entender o perfil dos alunos, professores e direção, destacando a relação da escola com a comunidade e a necessidade de melhorar o ensino de cartografia. A escola, com 16 turmas e 340 alunos, têm infraestrutura básica, e faltam locais como biblioteca, laboratório de ciências e informática. A internet é restrita aos professores, e os recursos didáticos são limitados aos globos e jogos, sem mapas. Quatro professores de Geografia, com pós-graduação e experiência, enfrentam desafios, como a distância entre suas residências e a escola. Alguns relatam dificuldades com conteúdos de cartografia, mas utilizam livros, mapas impressos e jogos. A utilização de metodologias ativas foi mencionada, embora nem todos os professores a reconheçam. Como interação aos professores da escola, foi realizada uma oficina. Durante ela, foram

apresentados quatro recursos didáticos relacionados à cartografia: o "Caça ao Tesouro Geográfico", o "Caderno Interativo", o "Futebol Geográfico" e a "Representação Cartográfica do Mapa do Brasil". O "Caça ao Tesouro Geográfico" tinha como objetivo ajudar os alunos a desenvolverem habilidades básicas de cartografia, enquanto o "Caderno Interativo" facilitava a compreensão dos conceitos cartográficos. O "Futebol Geográfico" consistia em uma maquete com partidas de jogos de futebol que ensinava as orientações da rosa dos ventos, e a "Representação Cartográfica do Mapa do Brasil" oferecia uma maneira simples de ensinar a divisão regional do país. Após a apresentação dos recursos, os professores discutiram e sugeriram maneiras de aplicá-los nas aulas. Por exemplo, o jogo de futebol na maquete poderia ser atraente para os alunos interessados em esportes, e a representação cartográfica, por ser compacta e durável, era prática para o uso em sala. Ao final, a equipe deixou materiais didáticos, como mapas e jogos geográficos, para que os professores os utilizassem em suas atividades. Apesar da carência de recursos e infraestrutura, a escola tem um corpo docente comprometido, que adapta seus métodos e utiliza os espaços disponíveis para enriquecer o ensino. No entanto, a falta de equipamentos essenciais e a infraestrutura insuficiente são desafios constantes. A pesquisa destaca a importância de se explorar os espaços escolares e a utilização de tecnologias para dinamizar o ensino. É necessário que haja uma atenção aos espaços de educação e valorização de sua cultura. Pesquisas na área de Geografia, especialmente Cartografia, são fundamentais para melhorar e valorizar o ensino no campo.

Palavras-chave: Metodologia-ativa; Ensino de Geografia; Cartografia.

Referências

- CALDART, R. S. **A escola do campo em movimento**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CASTROGIOVANNI, A. (Org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- DA SILVA, Eunice Isaias. **Linguagens alternativas no ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/10605>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.
- OLIVEIRA, F. C. D; RAMOS, A. A. de M.; SOUZA, F. F. de; SIQUEIRA, E. T. de. Educação geográfica nas escolas do campo do cariri ocidental paraibano. Anais II CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15883>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- TEIXEIRA, C. C.; CASTROGIOVANNI A. C. Geografia e Educação do Campo: Um Campo de Possibilidades. In: **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 13, n. 24, p. 144-158, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249642>. Acesso em: 10 out. 2023.

Contribuições de Luquet para a compreensão da linguagem infantil através do desenho

Kelly Christiane Silva de Souza¹
Mathias Bernard Lira de Almeida²

Resumo: Desenhos, grafismos e pinturas estiveram na história da humanidade antes mesmo da história escrita. Este trabalho apresenta o desenho infantil como um potencial instrumento de comunicação e meio para expressão de emoções e as contribuições de Georges Henri Luquet. Analisar o desenho infantil como forma de linguagem, analisando as teorias e contribuições de Georges Luquet e suas implicações para o desenvolvimento infantil e práticas pedagógicas. A pesquisa é de abordagem qualitativa, pois possibilita compreender fenômenos da experiência humana. A metodologia trata-se de uma revisão sistemática, que utiliza métodos explícitos e sistemáticos para selecionar e avaliar criticamente os estudos para coleta e análise de dados (Castro, 2001, p.1). Há mais de 30 mil anos atrás a humanidade registrava suas vivências, culturas e hábitos nas paredes das cavernas. Derdyk (1990) afirma que o homem deixou seus registros através dos desenhos, sendo o desenho uma linguagem antiga que esteve presente na história da humanidade como uma linguagem universal. Desenhar, muitas vezes, é utilizado pelos professores apenas como um movimento de lazer ou parte complementar de uma atividade. Tal uso limita as capacidades pedagógicas e cognitivas que o desenho pode oferecer, pois desenhar é uma

¹ Doutora em Educação, professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: kcsouza@uea.edu.br.

² Acadêmico do Curso de Pedagogia. Universidade do Estado do Amazonas. Bolsista PAIC/FAPEAM. E-mail: mbla.ped21@uea.edu.br.

produção criativa que coloca para fora aquilo que está na mente de quem desenha. Dessa forma, através do desenho, a criança, mesmo aquela que não fala e nem escreve, é capaz de comunicar-se, externalizando suas vivências, sentimentos e desejos. A primeira forma de expressão gráfica da criança surge através dos rabiscos. Nos primeiros anos de vida, as crianças costumam deixar suas marcas nas mais diversas superfícies (papéis, mesas, paredes, etc) e, ao desenhar, além de ser um momento de prazer, a criança expressa seus pensamentos e sentimentos, fazendo com que a criança se comunique com o mundo e deixe uma marca que pode chamar de sua, trazendo possibilidades de representações das coisas que já conhece e coisas que curiosamente cria, reinventa. Teóricos que investigaram a relação entre o desenho e o desenvolvimento infantil apontaram para uma evolução etária a respeito do grafismo infantil. Luquet (1969) classificou o desenho infantil em quatro etapas, sendo elas: 1) realismo fortuito, que pode ser dividido em voluntário e involuntário, quando a criança faz riscos sem um objetivo mas descobre um objeto sendo representado por acaso, sendo o desenho, para criança, um ato para fazer riscos e não para representar objetos do cotidiano; 2) realismo falhado, onde a criança busca trazer mais realismo aos seus desenhos, mas que ainda não se aproximam às proporções reais devido a limitações na coordenação motora; 3) realismo intelectual, a criança passa a desenhar aquilo que sabe sobre o objeto e não o que vê, por exemplo, ao desenhar uma casa, ela desenha os objetos que estão dentro da casa, como pessoas, móveis e animais, de acordo com o seu conhecimento sobre o objeto; e 4) realismo visual, caracteriza-se pelo desaparecimento gradativo da imaginação como elemento principal do processo criativo do desenho, a criança busca uma representação lógica do objeto. Saber identificar as fases dos desenhos é fundamental para compreender o que espera-se de uma criança em sua produção de acordo com sua faixa etária e a

potencial mensagem que pode ser captada por esses desenhos. Desenhar faz parte da vida, assim como a humanidade pré-histórica deixou sua marca nas paredes de cavernas, a criança deixa sua marca nas folhas do caderno e outras diversas superfícies. Os professores em sala de aula, ao compreenderem o desenho como algo além de uma atividade de lazer, expandem suas possibilidades de comunicação com a criança, pois cada rabisco que a criança faz é uma marca que ela deixa de sua história, seus conhecimentos, seus sentimentos e sua identidade.

Palavras-chave: Desenho; Linguagem Infantil; Desenvolvimento; Etapas Evolutivas.

Referências

- BASTOS, Solange. **O paraíso é no Piauí: A descoberta da arqueóloga Niéde Guidon.** Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010.
- CASTRO, A. A. **Revisão sistemática e meta-análise.** São Paulo: Usina de Pesquisa, 2001.
- DERDYK, E. **O desenho da figura humana.** São Paulo: Scipione, 1990.
- LUQUET, Georges Henris. **O desenho infantil.** Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Companhia Editora do Minho, 1969.
- ROSSO, Gasielli de Barros; SILVEIRA, Zélia Medeiros. A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ENTRE 2 E 12 ANOS EM TRÊS INSTITUIÇÕES DE CRICIÚMA/SC. **Saberes Pedagógicos** – Curso de Pedagogia - UNESC Criciúma-SC, v. 7, nº1, jan/jun 2023.

Entre memórias e desafios: narrativas da construção do ser pedagogo em um espaço de educação não-formal

Ygo de Jesus Lima¹

Resumo: A formação pedagógica vai além do ambiente formal de ensino, encontrando nos espaços não-formais uma importante dimensão para o desenvolvimento de práticas reflexivas e a construção da identidade do educador. Este estudo tem como foco o processo de autoconhecimento e construção da identidade pedagógica por meio de memórias narrativas. As experiências relatadas foram vivenciadas em uma instituição social, que recebe crianças e adolescentes no contra turno escolar, com oficinas de música, esporte, dança, costura e acompanhamento escolar. A educação não-formal, caracterizada por sua flexibilidade e interdisciplinaridade, proporciona vivências significativas para o pedagogo em formação. Os espaços não-formais permitem ao educador atuar como agente transformador, enquanto é ele próprio transformado pelas interações e desafios encontrados. A narrativa autobiográfica utilizada como método de pesquisa possibilita ressignificar essas vivências, conectando a prática educativa às reflexões teóricas e ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o papel do educador na sociedade. O trabalho tem como objetivo geral compreender o processo de autoconhecimento e construção da identidade pedagógica, com base nas memórias sobre as práticas educativas desenvolvidas em um espaço de educação não-formal. Como objetivos específicos: 1) visa investigar as contribuições das vivências em uma instituição social para o reconhecimento e desenvolvimento do eu-educador-pedagogo,

¹ Graduando/discente de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ydjl.ped21@uea.edu.br.

considerando a educação social; 2) Interpretar o impacto de experiências em espaços de capacitação e eventos educativos voltados para diferentes públicos na formação da consciência pedagógica. Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com um caráter fenomenológico e autobiográfico, utilizando as memórias narrativas como base para a construção do conhecimento. Ao posicionar o pesquisador como sujeito e objeto de investigação, busca-se compreender a trajetória formativa do pedagogo a partir de experiências vividas, refletindo sobre elas de maneira profunda e conectando-se ao referencial teórico. As memórias narrativas, ao serem revisitadas e reinterpretadas, tornam-se o ponto de partida para as reflexões que emergem e se entrelaçam com o corpo teórico, ampliando a compreensão do processo de construção da identidade pedagógica. Na instituição social, as memórias narrativas se concentram nas experiências com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com ênfase na ludicidade e na mediação de oficinas. A partir dessas memórias, será possível identificar como as práticas pedagógicas vivenciadas geraram reflexões sobre a importância da afetividade e da construção de saberes por meio da prática. O uso das memórias narrativas como método central permite que o pesquisador, ao visitar momentos significativos de sua trajetória, traga à tona as transformações vividas e, assim, possa estabelecer um vínculo entre prática educativa e teoria pedagógica. Na instituição social, o contato direto com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social proporcionou uma vivência intensa de afetividade e mediação de oficinas. No entanto, foram percebidas limitações na gestão e na atuação de alguns educadores, como a falta de estratégias práticas de implementação e a necessidade de maior preparação para lidar com as complexidades do contexto social das crianças e adolescentes. A experiência na instituição permitiu que o pesquisador refletisse sobre a necessidade de equilibrar as práticas

de engajamento com a atenção às dificuldades estruturais e de gestão, que, muitas vezes, limitam o potencial transformador das ações pedagógicas. As memórias narrativas pessoais permitem a identificação de momentos decisivos que ressignificam valores, opiniões e práticas pedagógicas. No entanto, essas transformações evidenciaram a necessidade de um processo contínuo de autocrítica e adaptação. Em suma, a educação não-formal, ao proporcionar um ambiente diversificado e desafiador, contribui tanto para o desenvolvimento do educador quanto para o fortalecimento de uma prática pedagógica crítica e engajada. A pesquisa reafirma a importância dos espaços educativos não-formais para o desenvolvimento da identidade pedagógica e do autoconhecimento do educador. As memórias narrativas reveladas que a prática educativa em contextos diversificados oferece oportunidades únicas para reflexões profundas sobre o papel social do pedagogo. A narrativa autobiográfica emerge como uma ferramenta poderosa para compreender o impacto das experiências e fortalecer uma prática educativa crítica e transformadora. As contribuições deste trabalho destacam o valor das narrativas autobiográficas e da fenomenologia na formação docente. Este estudo também reforça que a educação não-formal é um campo fértil para o desenvolvimento de habilidades reflexivas e práticas pedagógicas inovadoras, conectando o educador às demandas sociais e culturais de sua realidade. O estudo amplia a compreensão sobre o papel do pedagogo como agente de transformação e aprendizagem contínua.

Palavras-chave: Educação não Formal; Memória; Narrativa.

Referências

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio:**

Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 50, p. 101-118, mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=html>. Acesso em: 08 nov. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Ed. Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=html>. Acesso em: 08 nov. 2024.

Estágio na educação infantil intercultural: relato de experiência na perspectiva do olhar pesquisador

Ana Beatriz Goes do Nascimento¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: Exponho aqui minhas reflexões e vivências com crianças migrantes em instituições educacionais públicas, durante o Estágio Supervisionado na rede municipal de ensino de Manaus. Essas reflexões e vivências se somam, no momento, ao meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC e ao projeto “Acolher”, do Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior/EN, Universidade do Estado do Amazonas/UEA. O objetivo geral do meu projeto monográfico é analisar as práticas pedagógicas no processo de ensino e de aprendizagem de alunos venezuelanos, relacionando-as com a perspectiva da educação inclusiva. Os objetivos específicos são: 1) Contextualizar a formação docente frente à necessidade de inclusão dos alunos migrantes; compreender as práticas inclusivas usadas com alunos migrantes; 2) Discutir o papel do professor no ensino, relacionando planejamento, práticas pedagógicas e objetivos a serem alcançados quanto à inclusão de alunos migrantes. A metodologia da minha pesquisa monográfica é de caráter bibliográfico, documental e de campo, envolvendo a literatura de referência nacional; os documentos internacionais e nacionais sobre a temática, tais como Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Lei de

¹ Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, voluntária do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). E-mail: abgdn.ped21@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB - Lei n. 9394/1996 e a Lei de Migração n. 13.445/2017. As atividades de campo envolveram a participação nas ações formativas da Escola de Egressos e a coleta de dados em uma instituição de Educação Infantil. Os participantes da pesquisa são: 15 crianças (08 migrantes), a professora, a pedagoga e os pais migrantes. A proposta inicial é o contato e a discussão com a Orientadora do TCC, a pedagoga e a professora sobre as estratégias para abordagem das crianças migrantes. E na sequência, o acompanhamento sistemático da rotina institucional, visando construir uma relação de confiança com as crianças por meio das ações extensionistas, possibilitando a observação participante. Nas etapas posteriores, realizaremos as entrevistas com as crianças migrantes, sempre com o apoio da professora e com autorização dos pais/responsáveis. Também entrevistaremos a professora, a pedagoga e os pais/responsáveis das crianças migrantes. Entre as múltiplas infâncias encontradas na sala de referência do Estágio da Educação Infantil, destaco a realidade das crianças venezuelanas e suas particularidades, que, por vezes, acabam sendo invisibilizadas e entendidas como meros seres passivos no processo de ensino e aprendizagem, tratadas como diferentes e vulneráveis a partir de um olhar adultocêntrico que menospreza seus saberes e cultura. Esse contexto “demanda de capacitação para que as escolas estejam preparadas para acolher as crianças migrantes – no Brasil, apenas cerca de 25% dos profissionais da educação receberam algum tipo de capacitação sobre turmas multiculturais” (INEP, 2021 apud Pellanda; Frossard, 2022, p. 98). Para além do viés epistemológico, o Estágio pode fomentar as atividades de pesquisa frente às práticas educativas, sociais e culturais, valorizando a realidade e compreendendo as práticas pedagógicas. Sobre a importância do Estágio para pesquisas, podemos destacar que “em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e

habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observa (Pimenta; Lima, 2012, p.143). Dessa forma, as vivências do Estágio são o primeiro passo a impactar na formação docente, possibilitando um olhar mais atento e reflexivo perante as inúmeras situações nas instituições de Educação Infantil. Possibilita novas maneiras de fazer pesquisa e extensão, auxiliando na formação continuada, impactando positivamente no fazer pedagógico e no ato de educar. Por fim, tenho interesse pela pesquisa sobre educação inclusiva para crianças migrantes, para além do meu trabalho de conclusão de curso que está voltado para essa temática, pois fiz o Estágio em duas escolas que atuam com educação para migrantes. A formação continuada é a próxima etapa que seguirei, certamente que esse tema me acompanhará.

Palavras-chave: Formação docente; Estágio; Educação Infantil; Interculturalidade.

Referências

BRASIL. Lei n. 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN. Brasília: Senado Federal, 1996.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS/ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (Resolução 217 A III) em 10 de dezembro de 1948.

PELLANDA, Andressa; FROSSARD, Marcele. **Crianças e adolescentes migrantes**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência – Teoria e Prática: Diferentes Concepções. In: BRABO, T. S. A. M.; CORDEIRO, A. P.; MILANEZ, S. G. C. (org.). **Formação da**

Pedagoga e do Pedagogo: pressupostos e perspectivas. Marília:
Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

Formação inicial e continuada: experiências e expectativas de uma pedagoga em espaços educativos não formais

Jeane Braga Soares¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: Apresento as experiências e expectativas formativas, mediante as ações do Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior/ENS, da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, no que se refere à educação inclusiva para dependentes químicos em processo de reabilitação e para imigrantes internacionais e refugiados, estudantes da rede pública de ensino de Manaus/AM. Na primeira etapa do Programa de Extensão, o objetivo geral foi desenvolver atividades socioeducacionais junto aos dependentes químicos, pautadas nos princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos. Os objetivos específicos visaram: 1) Contextualizar as temáticas estudadas; 2) Relacionar teoria e prática, por meio de dinâmicas interativas de leitura, de escrita e de artes integradas, junto aos dependentes químicos; 3) Analisar o impacto dessas ações formativas e extensionistas no nosso percurso formativo. Os procedimentos metodológicos das ações formativas para os acadêmicos foram por meio de palestras, oficinas e minicursos, tratando da educação inclusiva, dos direitos humanos, da vulnerabilidade social e da formação docente. Participaram 23 acadêmicos das licenciaturas em Pedagogia, Matemática, Teatro e

¹ Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, bolsista do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). E-mail: jbs.ped21@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

Música, distribuídos entre calouros, veteranos e egressos. Além disso, participei de reuniões de planejamento onde foram discutidos os planos de aula para aplicação na intervenção pedagógica. Os procedimentos metodológicos para as ações extensionistas com os dependentes químicos foram baseados na metodologia do “Teatro do Oprimido” (Boal, 2005); estrutura de jogos da teatróloga Viola Spolin (2012); a triangulação de Ana Mae Barbosa (2012) no “ler, fazer e contextualizar” e, no processo de “Escrevivência”, de Conceição Evaristo (2018). Os egressos de Teatro e de Música coordenaram as ações e nós, das outras licenciaturas, ficamos no apoio e observando, para aplicarmos sozinhos as atividades, na próxima ação. Vale destacar a abordagem adotada, priorizando o protagonismo e a criatividade dos dependentes químicos, incentivados a um resgate das memórias afetivas e a autorreflexão, sempre com o apoio da equipe multiprofissional institucional (psicólogo, monitores e terapeuta ocupacional). Ao todo, tivemos 40 alunos, todos do sexo masculino, na faixa-etária de 18 a 70 anos. A atividade ocorreu em uma comunidade terapêutica para dependentes químicos em reabilitação, localizada no município de Iranduba/Am. O Programa Escola de Egressos: Formação Continuada à Luz da Educação Inclusiva é um projeto voltado para ações e acompanhamentos, envolvendo processos socioeducativos em uma educação não formal, que visam a interação com dependentes químicos em comunidades de recuperação, assim como com jovens migrantes e refugiados, estudantes da rede pública. Considero importante a participação nesse Programa, pois, embarca na maleabilidade da atuação pedagógica em demais espaços sociais que, por muitos, podem não ser notados, valorizados ou cogitados para alguma ação humanizadora. Graças ao envolvimento de partes que são ou foram codependentes de usuários de substâncias ilícitas, somado ao processo de formação no chão da universidade, a expectativa em

permanecer, trabalhar e desenvolver uma prática diferenciada e em um espaço não formal é muito grande. As expectativas acerca dos estudos que já incitam reflexões sobre uma realidade antes tão pouca observada e as formações realizadas pelo Programa permeiam pensamentos de uma educação humanizadora, antes não vivenciada. São novas experiências se fazendo presente, novas leituras, oficinas, reuniões e encontros, sejam presenciais ou não, devidamente organizados. É indiscutível que as orientações recebidas são claras e objetivas, a atuação da coordenação é admirável. Junto aos demais participantes, sejam eles colegas da academia ou professores já formados, espera-se que as futuras ações ocorram de forma que propiciem reflexões, posicionamentos, novas pesquisas, estudos dirigidos e inovações nas práticas com o público alvo. O Programa Escola de Egressos é uma excelente oportunidade para embarcar em uma jornada transformadora na educação, independentemente das dificuldades enfrentadas, além do processo de adaptação para novas vivências. Ao concluir esse relato, considero primordial a atuação do pedagogo em formação em espaços não formais como uma maneira de desenvolver habilidades, percepções e humanização perante a uma sociedade que pode ser hostil e preconceituosa frente àqueles que sofrem um rigoroso processo de reabilitação para retornar à sociedade. Como também reconhecemos o espaço de atuação do pedagogo junto aos que lidam com a realidade de um novo país, ao estar frente a barreiras linguísticas, culturais e socioeconômicas.

Palavras-chave: Formação Docente. Educação Não Formal. Educação Inclusiva.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte** (org.). 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

Inclusão socioeducacional: vivências transformadas na/da formação docente em espaços não formais

Marcos de Oliveira Fidelis¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: Apresento o relato de uma experiência vivenciada no Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior/ENS, da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, junto a 40 dependentes químicos em processo de reabilitação em uma comunidade terapêutica no município de Iranduba/Am. O objetivo geral da atividade foi compreender os fundamentos da educação inclusiva e dos direitos humanos, por meio da vivência em espaços educativos não formais. Os objetivos específicos foram: 1) Desenvolver atividades de leitura e escrita, mediadas pela literatura, pela música, pelas artes visuais e pelo teatro; 2) Refletir sobre a experiência pedagógica, analisando sua relação com nossa formação e futura profissão. Participaram da atividade 10 acadêmicos das licenciaturas em Pedagogia, Matemática, Teatro e Música, distribuídos entre calouros, veteranos e egressos. A preparação para a ação extensionista foi na universidade e envolveu encontros formativos via palestras, oficinas e minicursos, tratando da educação inclusiva, dos direitos humanos, da vulnerabilidade social e da formação docente. E reuniões de planejamento. No dia agendado, os internos da comunidade terapêutica formaram três turmas. Ficamos em três equipes para

¹ Acadêmico de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, bolsista do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: mdof.ped23@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

coordenar as atividades, com o apoio da equipe multiprofissional institucional (psicólogo, monitores e terapeuta ocupacional). Concordo com Freire (1999) que educar é um ato de amor, é uma prática de liberdade. Só podemos ensinar o que sabemos, mas só aprendemos o que somos capazes de vivenciar. A minha participação no programa Escola de Egressos tem sido uma experiência transformadora, oportunidade única de aprendizado e reflexão sobre o papel da educação na inclusão social, através da ação socioeducacional no enfrentamento das desigualdades. A proposta da Escola de Egressos, objetivando, dentre outros aspectos, empreender ações formativas que viabilizem o intercâmbio entre calouros, veteranos e egressos, tem sido uma construção de conhecimento, na qual, ações como criação de grupo de mobilização e valorização das artes integradas contribuem para o meu letramento sociocultural e educacional. O seminário de integração e planejamento no dia 10/08/2024 (sábado) foi de grande relevância, pois em seguida, no dia 17/08/2024 (sábado) fizemos nossa ação pedagógica extensionista (minha primeira ação) no Lar Terapêutico Ágape. O objetivo dessa ação foi desenvolver atividades socioeducacionais baseadas no Teatro, Literatura, Música e Sarau/TELIMUSA), onde o planejamento exigiu a adequação do tempo, a intensificação das orientações e o acompanhamento da produção dos alunos no mesmo dia. Nossos alunos foram os adictos - Na CID-10, a OMS classifica a adicção como uma "síndrome de dependência", na qual o conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos converge para a priorização do uso de uma substância, cujo valor está acima de qualquer outra coisa -, e trabalhamos o tema "só por hoje", termo adotado pela metodologia dos Alcoólicos Anônimos. Nessa primeira ação pedagógica encontrei obstáculos frente a esse tema, devido minhas barreiras emocionais, o preconceito e a dificuldade de dialogar com os adictos, mas no decorrer da experiência, essa

vivência superou as minhas expectativas. Desse modo, compreendi que o respeito e o atendimento às necessidades de cada aluno no âmbito da educação inclusiva encontram ressonância na equidade, o que significa: “Reconhecer que nem todos aprendem ou devem ser ensinados da mesma forma igualitária, pois um processo educacional que busca a equidade pressupõe o reconhecimento e o respeito às diferenças e é capaz de fazer com que todos os alunos desenvolvam as competências e habilidades esperadas para o nível de estudo, levando em consideração as diferenças pessoais, socioeconômicas e culturais do aluno [...]” (Tenório; Ferraz; Pinto, 2015, p. 8). Essa experiência contribuiu para o meu autoconhecimento, tanto no sentido acadêmico quanto na formação ética e social. Ao concluir, destaco que os encontros de formação, as oficinas, as mediações, o planejamento e principalmente a oficina “educação, cinema e direitos humanos”, financiada pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, foram de grande impacto na minha formação, suscitando reflexões necessárias às competências docentes e ao aprendizado na prática, como professor em formação e sujeito de transformação. Certamente que ainda estou no início da caminhada, mas acompanhado de grandes parceiros.

Palavras-chave: Inclusão Socioeducacional; Formação Docente; Escola de Egressos.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

TENÓRIO, Robinson Moreira; FERRAZ, Maria do Carmo Gomes; PINTO, Jucinara de Castro Almeida. **Eficácia e equidade**: indicadores de qualidade da educação básica no Brasil. Projeto Equidade no Ensino Superior. Faculdade de Educação – FACED, 2015.

ZIDAN, Paloma Mendes; ROCHA, Raquel Vasques da. Trauma e fragilidade narcísica nas adicções. **Revista Analytica**, São João del-Rei, v. 3, n. 5. 2014. Disponível em: <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/544>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Pluralidade e empatia: caminhos da formação docente na Escola de Egressos

Beatriz de Lima Souza¹
Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: Este é um relato de experiência sobre os encontros formativos, coordenados pelo Programa de Extensão, Escola de Egressos, da Escola Normal Superior/ENS, da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, visando aprofundamento teórico-prático para ações extensionistas junto a dependentes químicos em reabilitação. O objetivo geral foi suscitar o pensamento crítico-reflexivo sobre a educação inclusiva, a vulnerabilidade social e o campo da Teoria Histórico-Cultural, relacionando-as com o contexto sociocultural amazônico, a formação e a práxis docente. Os objetivos específicos foram: (a) Aplicar em espaços não formais os fundamentos teóricos estudados; (b) Desenvolver com os dependentes químicos práticas de leitura e escrita, mediadas pelas artes integradas (literatura, música, artes visuais e teatro); (c) Analisar as atividades desenvolvidas e o impacto na sua vida acadêmico-profissional. 1ª etapa - Formação: palestras, oficinas, minicursos e reuniões de planejamento, tratando da educação inclusiva, dos direitos humanos, da vulnerabilidade social e da formação docente. Participaram 23 acadêmicos (Pedagogia, Matemática, Teatro e Música). 2ª Etapa: aplicação das ações para um total de 75 internos, 35 de uma instituição (Iranduba/AM) e 40

¹ Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, voluntária do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: bdl.ped21@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). Email: oglima@uea.edu.br.

de outra (Rio Preto da Eva/AM). No dia específico em cada instituição, foram organizadas turmas de 08 a 10 participantes. Nos dividimos em equipes para coordenar as atividades. A participação na Escola de Egressos foi motivada pelo interesse nos caminhos das artes e no espaço de aplicação, ou seja, instituições com dependentes químicos em reabilitação. A proposta despertou curiosidade, especialmente por se referir a um ambiente visto como rígido e possivelmente pouco receptivo às manifestações artísticas. Uma oportunidade valiosa de explorar novos espaços, vivenciar experiências e ouvir histórias, fundamentais para a construção da formação docente, baseada na pluralidade e na convivência com múltiplas realidades. As oficinas iniciais de formação apresentaram o projeto de forma acessível e acolhedora, suscitando o diálogo e promovendo o envolvimento dos participantes. O primeiro contato revelou uma abordagem descontraída e didática, favorecendo a integração de todos, inclusive daqueles mais tímidos. A metodologia contribuiu para a criar um ambiente receptivo, ideal para a troca de experiências e reflexões sobre as práticas pedagógicas e sociais. O projeto oportunizou amadurecimento intelectual e exploração de novos espaços além da sala de aula, refletindo sobre realidades semelhantes à de professores da rede pública. Ele propõe um olhar ampliado que vai além da prática docente, considerando o papel do professor em uma sociedade marcada por vulnerabilidades sociais. A abordagem do projeto trouxe uma perspectiva humanizada e empática, incentivando a compreensão das dificuldades enfrentadas por muitos, frequentemente resultantes de imposições estruturais e não de escolhas individuais. Imposição do sistema econômico atual, estimulando o individualismo, marginalizando problemas sociais e responsabilizando o indivíduo pelas condições em que vive, “[...] uma vez que a subjetividade é efeito mecânico da presença do capitalismo e a individuação é exclusivamente a subjetivação de

processos sócio-históricos de submissão, resta-nos apenas conhecer e criticar os mecanismos de adestramento” (Sawaia, 2009, p. 365). A importância das artes como ferramenta de mobilização, sensibilização e transformação social foi evidenciada ao longo das atividades. As intervenções culturais geraram entusiasmo, estimularam a criatividade, significativas interações e partilhas. As artes se mostraram um poderoso instrumento de construção da identidade humana e de expressão coletiva. Outro aspecto relevante foi o protagonismo atribuído aos participantes, valorizando seu conhecimento prévio e reconhecendo sua importância como parte essencial das atividades. Isso reforça o potencial do projeto para conectar pessoas, transformar perspectivas e contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva. A experiência no projeto destacou a importância da arte como ferramenta de sensibilização e transformação social, discutindo diversas realidades e fortalecendo uma prática educativa humana e empática. A valorização do protagonismo dos participantes e o diálogo entre diferentes histórias reafirmam o papel da arte na construção de identidades e na busca por uma sociedade inclusiva e solidária.

Palavras-chave: Formação Docente. Educação Inclusiva. Desigualdades Sociais.

Referências

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/SNXmnP85p4XsKmsrWgbgtpr/?format=pdf>. Acesso em 12 nov. 2024.

Recursos didáticos e suas possibilidades para a educação cartográfica

Davi Salomão Costa de Souza¹

Julia de Castro Bezerra²

Danielle Mariam Araujo dos Santos³

Resumo: Com o auxílio do projeto LABVIVO, foi concretizada uma palestra na Universidade UniNorte, abordando a importância das metodologias ativas e a utilização de recursos didáticos na Cartografia e Geografia para professores em formação. Este evento, voltado para alunos do curso de Pedagogia, foi uma oportunidade para discutir e apresentar práticas pedagógicas inovadoras que visam aprimorar o ensino e a aprendizagem na sala de aula. Dentre os recursos apresentados, destacaram-se tanto os analógicos quanto os digitais, elaborados pelos alunos da extensão LABVIVO e pesquisados pelos mesmos, do curso de Geografia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Na seção metodológica, a palestra enfatizou a necessidade de diversificação das abordagens pedagógicas na Geografia, apresentando ferramentas e recursos didáticos que promovam o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem e na leitura de mapas. Dentre os recursos analógicos, foi proposto pelo autor o jogo didático "cartojogo mapa-múndi", que trabalha conhecimentos básicos em Cartografia e busca engajar o estudante pelo processo de gameificação, proporcionando um ambiente lúdico. O outro

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dscs.geo22@uea.edu.br.

² Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jdcb.geo22@uea.edu.br.

³ Professora Dra. do curso de Licenciatura em Geografia, Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dmsantos@uea.edu.br.

recurso apresentado foi o "Seterra", uma ferramenta digital e de exploração de mapas que permite visualizar e jogar diferentes jogos relacionados a conhecimentos cartográficos e geográficos de diferentes dificuldades e temas para serem exploradas juntas aos estudantes. Essas metodologias ativas promovem um ambiente de aprendizado significativo, onde o estudante é instigado a participar ativamente do processo educativo. O debate e a troca de ideias que se sucederam após a palestras foram de aprendizado e desenvolvimento e alertam para a necessidade cada vez mais necessária de uma exploração e divulgação cada vez mais abrangente acerca da necessidade dos recursos diádicos na Geografia, incorporando novas tecnologias e metodologias que favoreçam um ensino mais inclusivo e eficaz. A participação ativa dos estudantes no desenvolvimento de recursos aqui demonstrados é fundamental para a construção de um conhecimento significativo e contextualizado, contribuindo para a formação de educadores críticos e criativos, aptos para pensar geograficamente. Com isso em mente, tal trabalho tem como objetivo explicar sobre metodologias ativas na Cartografia em contextos diferentes e expressar nossos conhecimentos adquiridos com as discussões exercidas com os estudantes de Pedagogia da universidade UniNorte. Tal relato de experiência só foi possível graças à união e envolvimento de diferentes universitários e acadêmicos, que buscam uniformemente exercer seu papel de educador da melhor forma possível. A realização dessa palestra representa um avanço significativo na formação de educadores em formação, pois promove uma extasiante divulgação de diferentes metodologias ativas e de formas que possam ser exploradas até mesmo sem a utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação/TICs). Ao utilizar recursos como o "cartojogo mapa-múndi" e a plataforma digital "Seterra", os discentes podem ter a oportunidade de observar como a Cartografia pode ser expressa de

forma mais lúdica e envolvente, despertando o interesse e a curiosidade dos estudantes. Esse tipo de abordagem, que quebra a rigidez do ensino tradicional, permite que os estudantes se tornem protagonistas do seu aprendizado, ampliando sua capacidade crítica e sua compreensão do conteúdo de maneira contextualizada. Além disso, a palestra evidenciou a importância de considerar as diferentes realidades dos alunos e suas múltiplas formas de aprendizagem, criando um ambiente inclusivo e adaptável, algo que somente as metodologias ativas são eficientes para se realizar. Ao explorar tanto as ferramentas analógicas quanto digitais, a palestra abordou a necessidade de uma educação que seja ao mesmo tempo acessível e desafiadora, utilizando recursos que promovam a interação e a troca de saberes entre os estudantes.

Palavras-chave: Cartografia; Metodologias Ativas; Recursos Didáticos; Gameificação.

Relato de experiência no Programa de Extensão Escola de Egressos

Gelena Ramos de Almeida¹

Osmarina Guimarães de Lima²

Resumo: Este texto apresenta minhas reflexões a partir das experiências no Programa de Extensão Escola de Egressos, da Escola Normal Superior/ENS, da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, desde as ações formativas até a aplicação de um dos projetos junto a dependentes químicos em reabilitação. O objetivo geral foi desenvolver atividades socioeducacionais junto aos dependentes químicos, pautadas nos princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos. Os objetivos específicos foram: 1) Contextualizar a problemática de estudo e seus desdobramentos nos espaços educativos não formais; 2) Desenvolver atividades de leitura, escrita e artes visuais, mediadas pelas artes integradas para/com o público-alvo; 3) Refletir sobre essa experiência na vida acadêmica e profissional. A metodologia de trabalho da Escola de Egressos atendeu a dois grupos, interligados pelos objetivos do projeto, mas com atividades distintas: a) 23 acadêmicos das licenciaturas (Pedagogia, Matemática, Teatro e Música), distribuídos entre calouros, veteranos e egressos: participaram de palestras, oficinas e minicursos, tratando da educação inclusiva, dos direitos humanos, da vulnerabilidade social e da formação docente. Esse processo constituiu a fase preparatória para as ações

¹ Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal Superior/UEA, bolsista do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). E-mail: grda.ped24@uea.edu.br.

² Docente da Escola Normal Superior/UEA, coordenadora do Programa de Extensão Escola de Egressos (PADEX 2024). E-mail: oglima@uea.edu.br.

do projeto de extensão “Só Por Hoje”. No dia da atividade, 10 acadêmicos atuaram com monitores. b) 40 internos de uma comunidade terapêutica de reabilitação da dependência química: participaram como alunos das atividades planejadas pelos acadêmicos, durante um dia de sábado (manhã e tarde). Foram organizados em três turmas. Cada turma interagiu, leu, discutiu e elaborou uma apresentação para o final do dia, baseada nas artes integradas, relacionando com sua vida antes e durante a internação. Todas as atividades foram realizadas com o apoio da equipe multiprofissional institucional (psicólogo, monitores e terapeuta ocupacional). Meu primeiro contato com o projeto aconteceu na acolhida dos calouros no início de 2024, na Escola Normal Superior/UEA. A Escola de Egressos juntamente com o Grupo Allegriah nos recebeu com uma apresentação alegre e divertida, dialogando com todos, mostrando a importância das boas-vindas aos calouros e quais eram os propósitos do projeto ao trabalhar com a educação inclusiva nos espaços não formais, nesse caso, nas comunidades terapêuticas. Foi amor à primeira vista, aí começou meu interesse para fazer parte do projeto. A primeira experiência no projeto foi no Lar Terapêutico Ágape. Vivenciei a interdisciplinaridade com outros cursos de graduação, as artes permeando as atividades, a Matemática, o Turismo, a Pedagogia, todos em prol da educação inclusiva não formal, em espaços de extrema vulnerabilidade social. Experimentamos a ciência e as artes se misturando ao texto de Ailton Krenak (2019), se transformando em atividade corporal, onde o corpo fala através dos movimentos com o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2005). O contato com essas pessoas me fez refletir o que Paulo Freire (1986) diz: “A educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas, as pessoas mudam o mundo”. Para a minha formação acadêmica e profissional, a experiência ensinou que a docência não é apenas ter uma formação e levar conteúdo para sala

de aula, mas é trabalhar além dos conteúdos e das propostas educacionais impostas pelo sistema. É preciso ter sensibilidade, analisar o que está ao nosso redor e a vulnerabilidade que se impõe a essas pessoas. Cada fio de esperança que eu vi nos olhos dos dependentes químicos quando as atividades foram propostas, bem como o interesse e o compromisso que cada um demonstrou ao receber e executar as atividades simples, evidencia o quanto a vulnerabilidade lhes deixou ávidos por qualquer coisa que lhes faça sentir vivo, útil. No envolvimento com as atividades é como se eles voltassem a lembrar da infância, da escola, da família, dos valores perdidos, de tudo que a dependência tirou deles. São pessoas inteligentes, ágeis e, ao nos receberem na instituição, se sentem acolhidos, lembrados de alguma forma. Ao concluir, levo para minha formação não apenas aprendizados com as experiências que tenho vivido no projeto, mas me interessa também fazer projetos de prevenção à dependência química; adaptação de conteúdos e disciplinas diversas com o intuito de incluir e sensibilizar os excluídos a repensar a maneira de convivência com o mundo e a importância da escola em nossas vidas. Eu aprendo com eles, eles aprendem comigo e juntos mudamos o mundo.

Palavras-chave: Formação docente; Extensão; Educação Inclusiva.

Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREIRE. Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Sobre os organizadores

Edemir Graça Neto

Estudante do Curso Regular de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), atua como secretário no periódico *ContraCorrente* (UEA); realizou pesquisas na área de formação docente, relações étnico-raciais e ações afirmativas no Curso Regular de Pedagogia e, atualmente, realiza pesquisas na área de Sociologia da Educação, Filosofia da Educação e Trabalho e Educação, com ênfase na teoria marxiana. Email: egn.ped22@uea.edu.br, edemir.neto30@gmail.com.

Mauro Gomes da Costa

Doutor em Educação. Professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Docente e orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia/PPGEEC, Programa de Pós-Graduação em Educação/PGGED e do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGEDA/EDUCANORTE/UFPA/UEA. Email: mcosta@uea.edu.br.

Os textos articulam os Direitos Humanos, a Florestania, a sociodiversidade da Amazônia, com foco na Educação, Diferença, Direitos Humanos e Inclusão Social, e expressam reflexões e práticas pedagógicas voltadas à educação democrática, multicultural, decolonial e participativa. Que a leitura inspire novos pensamentos e a luta por uma educação amazônica comprometida com a dignidade humana.



PROGRAD
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO



PROPESP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
E PÓS-GRADUAÇÃO



ISBN 978-65-265-2384-1

